U.PORTO

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO

"Nós somos para sempre": Estudo Exploratório sobre as Relações Pais-Filhos em Pós-Adoção

João Cruz Carvalho

M

2026

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

"NÓS SOMOS PARA SEMPRE": ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE AS RELAÇÕES PAIS-FILHOS EM PÓS-ADOÇÃO

João Cruz Carvalho

Outubro 2026

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, área de especialização da Educação e do Desenvolvimento Humano, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Maria Barbosa-Ducharne (FPCEUP) e coorientada pela Professora Doutora Joana Lara Soares (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto concetuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Sem prejuízo do disposto anteriormente, o autor declara que recorreu a ferramentas de Inteligência Artificial durante o processo de elaboração desta dissertação. Em particular, utilizou o "*Claude*", especificamente para auxílio na estruturação do texto e revisão gramatical e ortográfica. O recurso a estas ferramentas limitou-se aos usos descritos, mantendo-se as ideias, a análise, a interpretação dos resultados, a elaboração científica e a redação inicial da Dissertação integralmente da responsabilidade do autor.

Agradecimentos

Antes de mais, dedico este trabalho às minhas avós que, infelizmente, já não estão aqui para me ver completar esta grande etapa do meu percurso. A saudade é a prova do amor que se viveu, e não houve amor maior que este. Um eterno obrigado às minhas "Lindas", que estão comigo onde quer que vá e continuam a guiar-me.

Gostaria de agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Maria Barbosa-Ducharne que complementou o presente trabalho com os seus saberes. De igual forma, deixo um agradecimento especial à minha coorientadora Professora Doutora Joana Lara Soares sem a qual este trabalho não teria sido possível.

Aos pais e crianças que participaram no *AdoPt*, obrigado pelos seus contributos e por terem dado uma parte de si a este projeto, que tanto nos ajuda a compreender a adoção como fenómeno social, mas também como fenómeno humano, marcado pelo amor, pela resiliência e pela superação.

Agradeço à minha família, que nunca olhou a meios para que eu pudesse atingir os meus sonhos e que tantas vezes esteve lá para me ouvir, para me acolher e para me ajudar a ultrapassar cada impasse. Não foi fácil – ninguém disse que o seria – mas convosco, tudo foi possível.

Às minhas amigas, um sincero obrigado pelos lanches e cafés, pelas sessões de estudo e pelas nossas saídas. Juntos criámos memórias e nada do que atingi teria sido o mesmo sem vocês. Que seja daqui para a vida!

E, como não podia deixar de ser, agradeço ao nosso grupo "*Psicologues com Educação*", que foram o porto seguro quando a incerteza mais se fez sentir.

Termino com um reconhecimento a mim mesmo, que sei o quanto me esforcei para chegar onde estou agora e nunca desisti, até quando tudo pareceu impossível.

Resumo

O estabelecimento de relações pais-filhos é um desafio inerente ao contexto de adoção. Dado o seu histórico de adversidade, crianças e adolescentes enfrentam dificuldades no pós-adoção que exigem dos pais comportamentos que visem a superação dessas dificuldades e a construção de relações familiares seguras. Todavia, as trajetórias relacionais não são estritamente lineares, visto que fatores associados às famílias podem conduzir a desfechos diversos. Assim, o principal objetivo deste estudo é explorar as relações pais-filhos em famílias adotivas, considerando as perspetivas de pais e de crianças/adolescentes. Através de entrevistas semiestruturadas, recolheram-se os relatos de 22 participantes – 11 crianças/adolescentes e 11 pais – sobre as suas experiências prévias à adoção e a vida familiar no pós-adoção. Após uma análise qualitativa das entrevistas, obtiveram-se seis categorias: "Experiências do passado"; "Dificuldades iniciais das crianças e adolescentes adotados"; "Estratégias parentais para colmatar dificuldades"; "Dificuldades atuais das crianças e adolescentes adotados"; "Evolução da relação pais-filhos" e "Fatores de proteção e de risco à estabilidade familiar". Os resultados mostram que as crianças foram negligenciadas e vítimas de abuso no seu passado prévio à adoção, e que os pais adotivos enfrentaram impedimentos à parentalidade biológica. Foram identificadas dificuldades emocionais e comportamentais no período de adaptação, com as quais os pais lidaram de forma sensível e afetuosa. Mesmo tendo-se relatado mais dificuldades na atualidade, as perceções quanto à evolução das relações pais-filhos são variadas: aponta-se uma aproximação ao longo do tempo, mas também situações pontuais de afastamento e identificaram-se fatores de proteção e de risco, inerentes à família e ao seu contexto que impactam a estabilidade familiar. Estas conclusões levantam questões para investigação futura e implicações para a prática psicológica, quanto à prestação de cuidados específicos a pais e crianças/adolescentes adotados.

***Palavras-chave*:** adoção, vinculação, relações pais-filhos, trajetórias relacionais, estabilidade familiar

Abstract

Establishing parent-child relationships is one of the challenges in adoption. Given their past of adversity, children and adolescents face difficulties in the post-adoption period that require parents to behave in a way that is oriented towards overcoming these difficulties and building more secure family relationships. However, relational trajectories are not linear, as family-related factors can lead to different outcomes. Therefore, the main objective of this study is to explore parent-child relationships in adoptive families, considering the perspectives of parents and children/adolescents. Through semi-structured interviews, it was possible to collect accounts from 22 participants – 11 children/adolescents and 11 parents – regarding their pre-adoption experiences and post-adoption family life. After a qualitative analysis of the participants' interviews, six categories were identified: "Past experiences"; "Initial difficulties of adopted children/adolescents"; "Parenting strategies to overcome difficulties"; "Difficulties of adopted children/adolescents today"; "Evolution of the parent-child relationship" and "Protective and risk factors for family stability". The results show that, before the adoption, children were neglected and victims of abuse and that adoptive parents faced impediments to biological parenthood. Emotional and behavioral difficulties during the adaptation period were identified, and parents handled them in a sensitive and affectionate manner. Although more difficulties have been reported today, perceptions of the evolution of parent-child relationships varied: overall, increased closeness over time was reported, though some families describe oscillating dynamics or distancing. Finally, protective and risk factors, inherent to the family and its context, that impact family stability were identified. These findings raise questions for future research and implications for adoption practice, regarding the provision of specific support to parents and adopted children/adolescents.

Keywords: adoption, attachment, parent-child relationships, relational trajectories, family stability

Índice

Introdução 8

Presente Estudo 10

Método 11

Participantes 12

Instrumentos 12

Procedimentos 13

Seleção de Participantes 13

Recolha de Dados 14

Análise de Dados 14

Resultados 14

Experiências do Passado 15

Dificuldades Iniciais das Crianças e Adolescentes Adotados 16

Estratégias Parentais para Colmatar Dificuldades 18

Dificuldades Atuais das Crianças e Adolescentes Adotados 21

Evolução da Relação Pais-Filhos 23

Fatores de Proteção e de Risco à Estabilidade Familiar 26

Discussão 28

Conclusão 34

Referências 34

Índice de Tabelas

Tabela 1 41

Tabela 2 42

Introdução

Bronfenbrenner e Morris (2006) afirmam que o desenvolvimento humano resulta de interações complexas e duradouras entre os vários sistemas que impactam o indivíduo, sendo que, neste contexto, a família assume-se como um espaço influente, que impulsiona o desenvolvimento. Este princípio mantém-se no contexto da adoção (Bento & Grzybowski, 2024), ainda que tenha sido na família biológica que, frequentemente, crianças e adolescentes adotados viveram experiências adversas, nomeadamente negligência e abuso (Baptista et al., 2013; Barbosa et al., 2025; Silva et al., 2023), o que acarreta consequências significativas e estabelece uma base de trauma que se mantém a longo prazo (Grant-Marsney et al., 2015; Raby & Dozier, 2019) e se expande para o contexto pós-adoção.

Essas consequências manifestam-se em dificuldades emocionais, como sentimentos de perda e de luto (Brodzinsky, 2011; Soares et al., 2019), decorrentes das perdas significativas, nomeadamente dos pais biológicos e outras figuras significativas, bem como a problemas de comportamento, aos quais é comum acrescer comorbilidade com diagnóstico psicológico (Brown et al., 2017; DeJong et al., 2016). As experiências passadas junto da família biológica podem ainda refletir-se em dificuldades relacionais no pós-adoção, podendo estas dificuldades ser compreendidas à luz da teoria da vinculação de Bowlby (1969/1982, cit. por Doyle & Cicchetti, 2017), segundo a qual as crianças estão biologicamente predispostas a procurar proteção e proximidade junto dos cuidadores, construindo, a partir daí, representações de si próprias, do outro e do mundo (Doyle & Cicchetti, 2017; Wydra & O'Brien, 2018).

Assim, a disponibilidade, a sensibilidade e a responsividade do cuidador tendem a favorecer uma vinculação segura, enquanto respostas pouco sensíveis ou inconsistentes estão associadas a padrões inseguros e a impasses relacionais (Flaherty & Sadler, 2011). Posto isto, a parentalidade adotiva exige dos pais comportamentos adaptados à história de vida dos filhos. A sensibilidade dos pais sobre as particularidades dos filhos adotados, especificamente as experiências de trauma, perda, luto e quebras de vínculos relacionais é essencial para garantir o seu bem-estar e contribui para a promoção das relações pais-filhos seguras (Faleiros & Moraes, 2015; Ruderman et al., 2025). A responsividade parental, ou seja, a forma como os pais adotivos reagem face às necessidades da criança, é fundamental para a construção de relações, pelo que os pais devem atender às necessidades físicas e emocionais das crianças adotadas, sendo este um tópico de investigação recente no âmbito da adoção (Wydra & O'Brien, 2018). A comunicação sobre as origens e sobre o processo de adoção reflete como os adotantes

reconhecem ou rejeitam as diferenças relacionadas com a adoção e como lidam com as necessidades dos adotados (Lo & Grotevant, 2020). Sublinha-se a importância da intencionalidade e continuidade desta comunicação e a exigência pela criação de momentos específicos para abordar temas sobre a adoção, para a construção de relações saudáveis (Ranieri et al., 2021; Rech & Schlösser, 2020). Estas respostas parentais devem ser acompanhadas de cuidado e apoio, ambas componentes do afeto familiar, essenciais para o desenvolvimento saudável, bem-estar a longo prazo e para o sentimento de pertença (Faleiros & Moraes, 2015; Ruderman et al., 2025).

A qualidade da prestação de cuidados possibilita melhorias nos vários domínios do desenvolvimento, registando-se mudanças aos níveis físico, cognitivo e emocional (Finet et al., 2021; Raby & Dozier, 2019), promovendo o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes adotados (Brodzinsky, 2011; Eboli et al., 2015). Contudo, estas melhorias não significam que as dificuldades das crianças adotadas sejam totalmente eliminadas, verificando-se ainda que problemas aos diferentes níveis recuperam de forma assíncrona, tratando-se assim de um processo de recuperação não-linear (Palacios et al., 2009; 2014). A falta de consenso sobre a trajetória dos problemas emocionais e comportamentais no pós-adoção expande-se na investigação: por exemplo, Nadeem et al. (2017) apontam uma diminuição dos problemas internalizados e externalizados no primeiro ano após a adoção, enquanto Paine et al. (2026) reportam o aumento dos comportamentos internalizados e externalizados ao longo da infância, que só decrescem na adolescência. Ao nível das relações, ainda que a teoria da vinculação pressuponha uma estabilidade dos vínculos estabelecidos precocemente, ao longo do tempo, este pressuposto tem vindo a ser refutado, visto que investigação mais recente sobre a vinculação mostra que existe plasticidade e há a possibilidade do estabelecimento de novas relações familiares, equiparáveis às relações familiares das famílias não-adotivas, em função da qualidade da relação estabelecida (Paniagua et al., 2019), ou seja, quando os comportamentos parentais são sensíveis às necessidades físicas e emocionais das crianças adotadas e quando vigora um ambiente familiar marcado pelo afeto e acolhimento (Bento & Grzybowski, 2024; Finet et al., 2021; Pace et al., 2019; Pereira et al., 2025; Raby & Dozier, 2019).

A experiência do pós-adoção é fortemente condicionada por um conjunto de fatores inerentes à criança, à família adotiva ou ao seu contexto circundante, que podem atuar como fatores de proteção ou de risco à estabilidade familiar (Juffer & van IJzendoorn, 2007; Zournatzidis et al., 2026). Em relação ao ambiente e contexto geral da adoção, verifica-se que a participação da família alargada é um fator promotor do bem-estar e do fortalecimento das

relações em família (Bento & Grzybowski, 2024), assumindo os avós particular importância na integração das crianças adotadas na família (Barbosa-Ducharne & Barroso, 2012), ao proporcionarem apoio à família após a adoção e investirem ativamente nas relações com os seus netos (Pitcher, 2009; Tanskanen et al., 2020). A adoção de fratrias – a adoção de irmãos biológicos pela mesma família adotiva – também tem sido identificada como fator protetor da adaptação e bem-estar dos adotados (Hillman et al., 2023; Román & Palacios, 2012) e que traz efeitos positivos ao longo do desenvolvimento (Román et al., 2012).

Entre os fatores de risco associados à criança, a idade da criança aquando da adoção é um indicador sistematicamente identificado como motivo de preocupação (Hornfeck et al., 2026; van den Dries et al., 2009), já que crianças que são adotadas mais tarde – crianças que foram adotadas depois dos dois anos de idade – estiveram sujeitas a condições que agravam a presença do trauma e dos sentimentos de perda e dificultam o estabelecimento de relações de confiança e proximidade com os pais adotivos (Barbosa et al., 2025; Bento & Grzybowski, 2024; Soares et al., 2019).

Tratando-se de dinâmicas bilaterais, é importante considerar também o percurso dos pais antes da adoção, que é marcado por experiências relativas à constituição familiar, nomeadamente pela experiência da infertilidade (Palacios et al., 2009) e vivências negativas face à parentalidade biológica. Estas experiências podem suscitar sentimentos de luto e expectativas face ao processo da adoção e sobre a dinâmica familiar (Soares et al., 2023), impactando a forma como se vive o período pós-adoção. O trabalho de Pinderhughes (1996), sobre o desenvolvimento das relações familiares em contexto de adoção, postula que as expectativas constituem um dos motores na preparação para a adoção, influenciando como pais e crianças vivem as suas relações (Barbosa et al., 2025; Faleiros & Moraes, 2015; Silva et al., 2023).

Já ao nível do ambiente e do contexto de adoção, a monoparentalidade adotiva é considerada um fator de risco, tal como indicam Pereira et al. (2025), que apontam vários desafios associados a esta estrutura familiar, nomeadamente o estigma social, a falta de apoio social e a sobrecarga de responsabilidade sobre a única figura parental, e que inadvertidamente surtem efeitos ao nível emocional e comportamental nas crianças adotadas.

Presente Estudo

Sabe-se que as vivências prévias à adoção, a forma como a parentalidade é exercida e fatores específicos a cada realidade familiar influenciam, de forma distinta, as experiências no período pós-adoção, não sendo possível delinear uma trajetória comum a todas as famílias. No

entanto, grande parte da investigação nesta área continua a negligenciar as diferenças individuais, privilegiando desenhos comparativos entre grupos, situando os adotados face a um grupo normativo (crianças e adolescentes que não entraram em contacto com o sistema de proteção) ou ao grupo de crianças alvo de medidas de proteção (e.g., crianças ainda em contexto de institucionalização) e recorrendo predominantemente a dados quantitativos, o que limita a exploração aprofundada das experiências pessoais.

Posto isto, o objetivo central deste trabalho foi explorar as relações pais-filhos nas famílias adotivas, considerando as perspetivas dos pais e das crianças/adolescentes. Como objetivos específicos, pretendeu-se:

1) identificar as experiências vividas pelos pais e pelos filhos antes da adoção;

2) conhecer as dificuldades na relação pais-filhos nos primeiros tempos em família;

3) identificar comportamentos parentais promotores de recuperação, de acordo com a perspetiva dos pais e das crianças/adolescentes;

4) conhecer as dificuldades atuais na relação pais-filhos, na perspetiva dos pais e das crianças/adolescentes;

5) explorar a evolução da relação pais-filhos ao longo do tempo de adoção;

6) identificar fatores de risco e proteção à estabilidade da família adotiva.

O presente estudo seguiu uma abordagem qualitativa que permitiu recolher as narrativas pessoais dos participantes e obter um foco mais direcionado e detalhado sobre as experiências únicas de cada família. Para evitar a repetição do termo *"criança(s)/adolescente(s) adotado(s)"*, este será substituído por *"criança(s) adotada(s)"*.

Método

O presente estudo insere-se no projeto "*AdoPt- Follow-up em Pós-Adoção: Capacidades, Dificuldades e Necessidades de Famílias Adotivas Portuguesas*", um projeto de maior amplitude, desenvolvido pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), em parceria com o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa- Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT; PTDC/SOC-ASO/4158/2020; http://doi.org/10.54499/PTDC/SOC-ASO/4158/2020).

Os dados tratados no presente estudo foram recolhidos no T2, em visita domiciliária, sendo participantes apenas as famílias em que ambos, pais e filhos, que responderam às entrevistas.

Participantes

No presente estudo participaram 10 das famílias que integram o projeto *AdoPt*, sendo que destas, cinco (50%) eram famílias monoparentais, quatro (40%) eram famílias biparentais e uma (10%) família era biparental, cujo casal está agora divorciado. Destas famílias, duas (20%) adotaram fratrias, sendo que em apenas uma foi possível entrevistar a fratria. De um total de 22 participantes, 11 eram crianças. Destas, três eram do sexo masculino (27.27%) e oito do sexo feminino (72.73%) e tinham, aquando da resposta à entrevista do T2, em média 14.47 anos (*DP* = 3.11; *Min.*= 9.92*; Max.*= 18.33). A maioria das crianças (*n* = 10, 90.9%) passou por acolhimento residencial e apenas uma (9.1%) esteve em acolhimento familiar. Foram adotadas por volta dos 6.93 anos de idade (*DP* = 3.02; *Min.*= 2.00; *Max.*= 12.42), pelo que já estariam junto das suas famílias há 5.92 anos (*DP* = 3.79; *Min.*= 0.58; *Max.* = 10.50). Na Tabela 1 são descritas, com maior acuidade, as características de cada criança adotada que participou neste estudo, considerando o sexo, a idade aquando da entrevista, a idade aquando da adoção e o tempo em adoção.

Neste estudo foram ainda considerados os relatos dos pais, contabilizando-se os 11 participantes que se registaram como respondentes. Destes, três são do sexo masculino (27.27%) e oito do sexo feminino (72.73%), tendo, aquando da participação nas entrevistas, uma idade média de 48.09 anos (*DP* = 4.30; *Min.*= 39; *Max.*= 53).

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico (Projeto AdoPt, 2021)

Tendo sido respondido pelos pais, em formato online, durante o T1 do projeto *AdoPt*, o Questionário Sociodemográfico permitiu recolher informação relativa às características dos pais (e.g., idade, sexo) e das respetivas crianças adotadas (e.g., idade, sexo).

Entrevista sobre a Adoção para Crianças/Adolescentes (Barbosa-Ducharne et al., 2023)

Trata-se de uma entrevista semiestruturada com o intuito de perceber e compreender as experiências das crianças e adolescentes adotados em relação à adoção, a forma como estes a vivem e a índole das relações que estabelecem em seio familiar, estando organizada em sete domínios, codificados de A a G: A- Família e relações familiares, B- Comunicação sobre o Passado e Adoção, C- Dificuldades da criança/adolescente, D- Escola, E- Micro-Agressões, F- Processo de Adoção e G- Considerações finais. Ainda que as entrevistas tenham sido analisadas na íntegra, o domínio A (e.g.,*"Como foi para ti pertencer a esta família?";* "*Como é a relação com o teu pai/ a tua mãe?*"), o domínio B (e.g., *"Aqui em casa, costumam conversar sobre a tua adoção e o teu passado?"*), e o domínio C (e.g., "*Falando agora sobre ti. Tens alguma*

doença, dificuldade ou problema de saúde?"), constituíram-se como os domínios de maior relevância para responder aos objetivos do presente estudo.

Entrevista sobre a Adoção para Pais (Soares et al., 2023)

Similarmente à entrevista dirigida às crianças, a versão para pais é uma entrevista semiestruturada, de carácter exploratório e estrutura mista, com 65 questões que permitem respostas abertas e outras formuladas numa escala do tipo Likert de 5 pontos (e.g., 1 - *Nada* a 5 - *Muito*) e 7 pontos (e.g., 1 - *Nada* a 7 - *Muitíssimo*). É uma entrevista *ad hoc*, construída especificamente para o Projeto *AdoPt* e divide-se em nove domínios centrais, designados de A a I: A- Criança; B- Relações familiares; C- Comunicação sobre a Adoção e o Passado; D- Dificuldades da Criança/adolescente; E- Escola; F- Micro-Agressões; G- Apoio; H-Processo de adoção e I- Questões finais. Tal como sucedeu na análise das entrevistas das crianças, os relatos parentais foram revistos na íntegra, tendo-se prestado particular atenção às respostas às questões do domínio A (e.g.,*"Pensando agora no/a (Nome) quando chegou à sua casa. Como é que ele/ela era na chegada à família? Que capacidades e dificuldades tinha?")*, do domínio B (e.g., *"A sua relação/ligação ao/à (Nome) evoluiu ao longo do tempo? Como?*") e do domínio C (e.g., *"Em que medida considera que a comunicação na sua família sobre adoção e o passado da criança é uma comunicação aberta?[...]"*).

Procedimentos

O projeto *AdoPt – Follow-up em Pós-Adoção* foi aprovado pela Comissão de Ética da FPCEUP, sendo acompanhado pela Unidade de Proteção de Dados da Universidade do Porto, de modo a garantir o cumprimento do Regime Geral de Proteção de Dados (RGPD). O projeto desenrola-se em três momentos distintos: T1, T2 e T3, nos quais a recolha de dados se dá em formato online, excetuando o T2, no qual se realizam entrevistas com as famílias adotivas com o objetivo de as acompanhar no período pós-adoção e identificar as suas potencialidades, necessidades e dificuldades.

Seleção de Participantes

O recrutamento dos participantes no projeto *AdoPt* decorreu a nível nacional, em a colaboração com o Instituto da Segurança Social, que procedeu a um primeiro convite à participação, tanto por via telefónica como por correio eletrónico (email). O convite de participação apresentava uma breve descrição do projeto, os seus objetivos, a sua relevância no contexto do estudo da adoção e as instruções para a participação, sendo de igual forma partilhado um código pessoal e intransmissível para o acesso à plataforma online do *AdoPt,* onde são registadas as respostas e recolhidos os dados. Após o registo na plataforma, as famílias

têm acesso a um questionário, que pode ser respondido pelos pais (pai ou mãe) em qualquer altura, no sentido em que os participantes podiam iniciar, interromper e retomar o preenchimento do questionário quando desejassem.

Recolha de Dados

Os dados utilizados na realização deste trabalho foram obtidos através de métodos distintos, empregando o questionário sociodemográfico, cujo preenchimento foi feito em formato online, e as entrevistas, realizadas em contexto presencial. As entrevistas decorreram em contexto domiciliário e durante a visita, enquanto os pais eram entrevistados por um membro da equipa de investigação, a criança ou adolescente participava, em simultâneo, numa entrevista individual, conduzida por outro investigador, num espaço que garantisse privacidade e conforto. É importante notar que, antes da realização das entrevistas, foi disponibilizado um consentimento informado aos pais para garantir a participação da família no projeto, assim como um assentimento informado para as crianças/adolescentes para a sua participação presencial.

Análise de Dados

Numa primeira etapa recorreu-se ao *software* IBM SPSS® (versão 31) para fazer a descrição dos participantes incluídos, tanto pais como crianças, considerando as principais variáveis de interesse. O foco principal deste trabalho incide sobre a análise das entrevistas semiestruturadas, conduzidas com os pais e crianças/adolescentes adotados, na qual se incluem relatos diretos sobre as experiências de cada um dos intervenientes no que concerne às suas histórias de vida, às questões que moldaram as relações no período pós-adoção e como essas relações foram evoluindo ao longo do tempo, recorrendo-se a uma análise categorial (Bardin, 2016), para identificar categorias a partir dos dados analisados. A criação e definição de categorias partiu de uma lógica indutiva e dedutiva, conciliando categorias criadas a partir da informação recolhida no enquadramento teórico e dos objetivos de estudo, e categorias que não tinham sido consideradas anteriormente, mas cuja relevância se destacou a partir da análise do material, sendo cada uma destas revistas e reformuladas sucessivamente à medida que a análise foi avançando.

Resultados

Decorrente da leitura, das entrevistas dos pais e das crianças adotadas, procedeu-se à identificação de categorias de análise, em função dos objetivos de investigação definidos.

Cada categoria é fundamentada com respetivos excertos, sendo cada um acompanhado por um código que identifica quem o proferiu (*M*- Mãe; *P*- Pai; *N*- namorado; *C*- Criança ou adolescente; *E*- Entrevistador/a) e o respetivo número de identificação da família ou da criança.

Foram identificadas seis categorias: "Experiências do passado"; "Dificuldades iniciais das crianças e adolescentes adotados"; "Estratégias parentais para colmatar dificuldades"; "Dificuldades atuais das crianças e adolescentes adotados"; "Evolução da relação pais-filhos" e "Fatores de proteção e de risco à estabilidade familiar", pelo que na secção de Resultados apenas constam exemplos ilustrativos, sendo apresentada a totalidade de excertos no final do documento.

Experiências do Passado

Esta categoria inclui relatos dos pais e das crianças sobre o seu percurso antes da adoção. Esta categoria divide-se em duas subcategorias: "Percurso das crianças/adolescentes" e "Percurso dos pais". A subcategoria "Percurso das crianças/adolescentes" reporta a história de vida dos filhos até à adoção, incluindo a descrição de episódios e ambientes marcados pelo abandono, negligência, abuso (físico ou sexual), vitimização e exposição à violência, bem como a passagem pelo acolhimento residencial, dividindo-se em três sub-subcategorias: "Privação de cuidados", "Abuso" *e* "Institucionalização". *Em* "Privação de cuidados" verificou-se que os entrevistados descreveram experiências de negligência, sendo relatados episódios em que não eram garantidas às crianças condições básicas de alimentação *("[...]mas já me contaram que eu passava fome, não por eles não terem dinheiro, mas porque eles não queriam saber, por exemplo" [C135]),* de higiene *("O facto de passar fome, o fato de não ter limpeza, o fato de não ser acompanhada a escola" [M34])* ou ambas *("Ela só diz que a mãe não sabia tratar dela, não tinha condições pra ir pra escola, não lhe dava banho, não lhe dava jantar, portanto, ela diz que a mãe não sabia." [M71])* deixando as crianças em situações de vulnerabilidade *("Só sei, pelo pouco que eu sei, hum, porque uma criança que não tinha qualquer tipo de apoio, nem proteção da mãe em relação ao pai." [M34]).* Na sub-subcategoria "Abuso" são descritas situações relacionadas com a segurança, sendo comuns exemplos de violência doméstica sobre as crianças (*"A história de violência começou já o J. era nascido [...] ele tem algumas marcas e algumas cicatrizes, algumas marcas de cigarros...quando ele vinha notavam-se muitas cicatrizes na cara."* [M3]), a exposição a violência sobre outros membros da família (*"O meu pai batia na minha mãe, pronto."* [C135]) e um caso onde estaria implicada a vitimização por

abuso sexual (*"[...]apesar da I. negar, do pai poder ter abusado ou tentado abusar sexualmente da I."* [M34]),

A sub-subcategoria "Institucionalização" concretiza as diferentes valências atribuídas pelas crianças à experiência de acolhimento, que foi vista tanto como positiva ou negativa. Na vertente positiva, destacou-se o contributo dos profissionais em acolhimento na promoção de bem-estar (*"A criança referiu que se sente bem em relação ao passado, porque tinha coisas boas na casa de acolhimento. Referiu a existência de uma "senhora", na CA (casa de acolhimento), que gostava muito dos seus sorrisos [...]"*[C80]). O olhar negativo sobre o contexto de acolhimento decorre da culpa que lhe era atribuída pela separação da família biológica (*"Há ali, porque ela disse "a casa de acolhimento é que não deixou a minha mãe regressar para estar connosco, a minha mãe saiu de manhã e não a voltaram a deixar entrar."* [M34]) e da perceção de falta de estimulação ou cuidados suficientes (*"Era melhor do que estar naquele inferno [...] Porque lá eu não tinha nada para fazer, aqui já tenho melhor; e lá não tinha carinho, aqui já tenho, lá era muito chato e aqui não era*." [134]).

A subcategoria "Percurso dos pais" traça o histórico parental antes da adoção, incluindo dificuldades inerentes à parentalidade biológica e situações em que a adoção era já uma escolha planeada. Inclui duas sub-subcategorias: a sub-subcategoria "Infertilidade e dificuldades durante a gravidez" que sintetiza questões de infertilidade (*"Porque eu sempre quis ser mãe e não pude ser. De forma biológica*" [M44]) ou obstáculos ao termo da gravidez (*"A S. engravidou duas vezes, uma vez logo no início e teve um aborto logo quase 8 semanas, para aí [...] E outra depois já de termos o M."* [P18]) que poderão ter desencadeado a decisão pela adoção (*"Porque como a minha mãe tipo não conseguia engravidar tiveram a ideia de adotar e inicialmente o meu pai disse "ah adotar não, vamos continuar a tentar", mas depois lá se deu a opção da adoção."* [C22]), e a sub-subcategoria "Adoção como projeto de vida/escolha planeada", na qual os pais revelaram as suas intenções em constituir família através da adoção ("*Nós desde o início sempre, quando casamos, sempre dissemos que se tivermos filhos, seja porque via for, porque já tínhamos falado no início da possibilidade de adotar, em tendo filhos biológicos gostaríamos de ter filhos adotivos [...]"* [M65]).

Dificuldades Iniciais das Crianças e Adolescentes Adotados

Esta categoria reflete as dificuldades das crianças adotadas, ao nível emocional e comportamental, que marcaram a transição e os primeiros tempos da vida em família. Inclui duas subcategorias: "Sentimentos de perda e luto" e "Especificidades associadas ao vínculo". A subcategoria "Sentimentos de perda e luto" remete para a postura das crianças adotadas face

às pessoas significativas do seu passado, como familiares (*"Aliás, a separação dos irmãos, eu diria mais de um pequenino, foi doloroso para ela, criou ali uma irritação, criou ali um luto, que para mim era difícil de lidar, pronto, é assim."* [M57]) ou outras pessoas que conheceram em contexto de acolhimento (*"Para ela o mais difícil foi o facto de ter que se despedir da casa e das pessoas que tinham sido cuidadoras dela, umas mais que outras, porque há mais proximidade e pelo tempo que as pessoas passam nos lugares"* [M65]).

A subcategoria "Especificidades associadas ao vínculo" designa experiências passadas, exemplificadas por condutas específicas das crianças adotadas, e que podem ser associadas a aspetos da vinculação, dividindo-se em três sub-subcategorias: "Ao nível emocional", "Ao nível do comportamento" e "Manifestações fisiológicas". "Ao nível emocional" reconheceu-se o receio das crianças adotadas de quebrar expectativas parentais (*"Mas eu sentia que será que a minha mãe, que essa senhora vai gostar mesmo de mim? E às vezes depois retraia-me."* [C71]) ou de serem rejeitadas ou abandonadas (*"[...]eu tinha medo que se eu não lhe chamasse mãe que... sei lá, que ela já não me quisesse ou qualquer coisa assim."* [C135]). Na sub-subcategoria "Ao nível do comportamento" relataram-se episódios de agressividade (*"[...] a reação dele era sempre, ou bater, ou partir [...] mas partir para cima de nós, ou se ele achasse que não ia conseguir por algum motivo, porque, ou porque nós éramos mais fortes, ou porque nos sentia mais ameaçadores, ele ameaçava-se a ele próprio"* [M3]) e de desafio à autoridade (*"Aquilo estava a ser um contínuo de berros da S. por não querer aceitar nada do que eu dizia, do que eu propunha, de bater as portas, de empurrões, de afrontar-me mesmo [...]. E foi ali um período, há 15 ou 16 anos já, um período em que estava a ser contínuo."* [M57]).

Relativamente às relações pais-filhos, verificaram-se situações de rejeição inicial das crianças em relação aos pais adotivos (*"Ela, no início rejeitou o B., às vezes não lhe dirigia a palavra, porque queria a mãe, não ficava só com ele."* [M41]) bem como de procura por aceitação (*"[...]a L. não era a L., era aquilo que achava que nós queríamos que fosse, mais na base do agradar e estar a ver qual a resposta certa que tinha que dar."* [M65]) ou proximidade (*"Depois houve uma fase, em que ela já era autónoma em termos de banhos, mas sentiu a necessidade de pedir para eu lhe dar banho [...]Ela até me dizia que já sabia fazer isso [...]já fazia isto tudo, mas que preferia que o fizesse com ela [...]"* [M65]). Em termos de comportamento social, notou-se uma dificuldade das crianças em discernir quem era o seu cuidador (*"[...] a S. aos seis anos não percebia bem o que era ter uma mãe então podia ser eu como aquela senhora que a mãe até falou, não é?"* [M57]), condutas marcadas pela afetuosidade ou proximidade inadequadas (*"No início até ensinamos a gerir a questão dos abraços porque abraçava toda a gente [...] No início sim, porque percebemos que não havia*

nenhum filtro" [M65]) ou agressividade perante estranhos (*"Todos os homens da minha vida, com quem eu a contactava eram um motivo de stress para o J [...] era motivo para ele ficar extremamente agressivo."* [M3]) e que preocupavam os pais (*"E: Muito bem. Alguma vez já sentiu preocupada por a E. se comportar de forma demasiado amistosa com desconhecidos agindo como se já os conhecesse?/ M: Ah, sim, sim* " [M71]). A sub-subcategoria "Manifestações fisiológicas" mostra problemas do sono nos primeiros tempos no pós-adoção, no momento de adormecer (*"Adormecia a chorar"* [M18]), ou durante a noite, com a ocorrência de enurese noturna (*"A M. teve dificuldades quando veio, vinha. Tinha, fazia xixi noturno."* [M34]).

Estratégias Parentais para Colmatar Dificuldades

A categoria refere-se a comportamentos ou atitudes, tomadas pelos pais que, conscientes das especificidades inerentes à adoção, visam o bem-estar das crianças e a promoção a estabilidade familiar. Emergiram quatro subcategorias: a "Sensibilidade parental"; "Responsividade parental"; "Comunicação" e "Promoção do sentimento de pertença".

A subcategoria "Sensibilidade parental" refere-se à consciência dos pais sobre as experiências adversas às quais os filhos foram sujeitos e as suas implicações no bem-estar e estabilidade familiares atuais (*"Outra, há um passado que não desaparece. E que com toda a dor do presente, o presente tem a ver com escolhas, que o próprio já faz de forma consciente. O passado continua a existir e faz parte da história em que ela nasce [...]"* [M44]) mesmo em situações de adoção muito precoce (*"Há crianças que são adotadas com poucas semanas de vida. [...] muitas vezes trazem uma bagagem pesada do que estava anterior. E é preciso ter cuidado com isso."* [P44]), partindo dessas experiências para interpretar o comportamento dos seus filhos. Ainda que tenham existido interpretações ambíguas relativamente às causas subjacentes ao comportamento das crianças (*"Ela tem uma capacidade de interação, hum, grande. Só que, por vezes, fica camuflada e isto tudo, penso eu, pelo histórico… pela história dela"* [M34]), outras leituras fundamentaram-se em experiências concretas do passado das crianças, tais como a vivência de abandono e negligência na família biológica (*"Ela tem muito medo. Isto tem tudo de certeza a ver com a infância dela. Ela tem medo de ser abandonada."* [N41]), nas experiências em contexto de institucionalização (*"Que o facto de ter estado institucionalizado se reflete durante, às vezes os primeiros anos de vida, ah que ao nível da maturidade e da socialização, que isso pode ter influência e de cada ano de institucionalização precisávamos de outro para recuperar."* [M18]) ou até nos processos internos (e.g., os sentimentos de perda e luto) que decorrem das mesmas (*"[...] se cobria, chorava, irritava, se*

virava com as coisas, e que tinha a ver com o luto que ela estava a fazer por ser separada dos irmãos." [M57]) e que os pais identificam (*"[...]ela vinha com muito, epá muitas memórias da família dela, muitas histórias da família dela, pronto. E eu, eu e a mãe, normalmente, o que é que…deixávamo-la, não fazíamos juízos de valor sobre aquilo que ela dizia."* [P103]).

A subcategoria "Responsividade parental" refere-se à disposição parental para responder às necessidades expressas pelas crianças adotadas, incluindo exemplos específicos no âmbito do afeto. Nas entrevistas foi possível notar que os pais assumem desde logo uma predisposição para atuar e responder às necessidades dos seus filhos (*"[...]É o nosso filho, é isso. E, portanto, estamos aqui para o que for necessário e lidamos com as preocupações e as dúvidas do dia-a-dia de uma melhor forma que sabemos."* [M44]). Identificaram-se exemplos concretos desta atitude por parte dos pais, ao nível do afeto (*"E uma criança, estar sempre neste...neste medo de não ser amada, eu sentia que tinha de compensar isto."* [M41]), da proximidade (*"[...]Esta ideia de ficar sozinha ainda lhe dá pânico, talvez tenha a ver com o historial e queremos trabalhar."* [M65]), e da gestão emocional, particularmente dos sentimentos de perda e luto (*"Eu tenho saudades dos meus irmãos"[...] tentei explorar a situação da saudade dos irmãos numa outra altura [...]"* [M3]).

A subcategoria "Comunicação" aborda a comunicação sobre o passado, a adoção ou as dificuldades inerentes à adoção, considerando a sua continuidade ao longo do tempo e o contexto em que surge, bem como os seus efeitos no bem-estar e na estabilidade familiar. Em relação à continuidade no âmbito da comunicação criaram-se duas sub-subcategorias: "Dinâmica da frequência comunicativa" e "Valor emocional atribuído à comunicação". Por um lado, verificaram-se situações em que existiu um esforço parental em abordar temáticas precocemente (*"Sim e, portanto, nesta questão do início da adoção nós sempre passamos a informação, sempre fomos falando[...]Sempre de maneira tranquila."* [P18]), o que possibilitou que se estabelecesse um clima de abertura que foi prevalecendo ao longo do pós-adoção (*"E: E esta vossa comunicação sempre foi assim, ou acha que foi evoluindo ao longo do tempo?/ M: Eu acho que sempre foi aberta, sim, sim, eu acho que sim."* [M71]). Num polo oposto, em algumas famílias a comunicação parecia inexistente (*"Ninguém pega nisso"* [C41]) ou em que abordar temas relacionados com a adoção era evitado (*"E: Preferes não abordar o assunto?/ C: Sim."* [C135]), remetendo-se exclusivamente a outros assuntos (*"Não. Eu acho que nós não falamos tanto. Nós falamos mais do presente, mesmo. Presente; não no passado, e não no futuro [...] Não, nós só falamos, mesmo, do presente, presente."* [C134]).

Como se verificou a partir dos relatos, a comunicação foi uma questão suscetível à mudança ao longo do tempo, sendo que em certas famílias, houve evolução na forma como se

abordavam estas questões, verificando-se que certos constrangimentos iniciais deram espaço a uma maior exploração destes temas no futuro (*"Também não quis escarafunchar, sem deixar de mostrar algum interesse [...]Mas sim, agora, já temos. Já temos conversado."*[M57]), e mesmo que em algumas famílias os hábitos de comunicação tenham sofrido uma redução, ainda existia espaço para que as conversas se proporcionassem (*"Sim, mais quando eu era mais pequeno, mas sempre que eu tivesse curiosidade falava com os meus pais."* [C22]). Contudo, também se notaram situações nas quais a comunicação foi diminuindo em frequência e parecia não existir vontade ou disponibilidade para retomar a regularidade da comunicação na atualidade (*"Não, já falámos quando eu era mais nova, mas hoje em dia não, e também não tenho necessidade de falar."* [C71]).

A comunicação sobre o passado ou sobre a adoção assumiu um significado diverso para diferentes famílias, criando-se a sub-subcategoria "Valor emocional atribuído à comunicação". O facto de as crianças adotadas poderem comunicar com os seus pais sobre o passado ou a adoção contribui para o seu bem-estar face à nova etapa das suas vidas (*"A criança explicou que colocar essas questões e obter respostas dos pais a ajudou a sentir-se melhor/mais tranquila em relação à mudança. Porque como conversa com os seus "papás", sente-se confortável"* [C80]) ou ajuda a tolerar as dificuldades que surgem (*"E: E achas que ao conversares com a tua mãe, isso ajuda a acalmar um bocadinho estas dificuldades? /C: Sim."* [C88]). Em contrapartida, estes podem ser vistos como promotores de mal-estar, sendo acompanhados de sensações negativas, particularmente desconforto (*"Não é um tabu, mas também não é uma coisa tão confortável assim."* [M57]), ou dar-se em contextos de maior negatividade, com o intuito de magoar ou ferir a criança (*"O sim é de forma pegar assuntos ... do passado que eles sabem e me atirar é só aí que eles falam do meu passado"* [C41]).

"Promoção do sentimento de pertença" reporta os comportamentos, gestos ou expressões que os pais têm para com os filhos, com o intuito de promover o sentido de pertença e fortalecer a unidade e identidade familiar, e divide-se em duas sub-subcategorias: "Expressões de afeto e fortalecimento da identidade familiar" e "Rituais familiares". Em "Expressões de afeto e fortalecimento da identidade familiar**"** reconheceu-se o papel familiar na promoção de um ambiente em que eram proporcionados afetos às crianças (*"[...]evolução é exatamente o ambiente familiar... o facto de, pronto, de lhe dar um lar, de lhe dar amor, de lhe dar carinho"* [M34]). Inclui relatos de comportamentos parentais que reforçavam a identidade enquanto família e o papel da criança adotada no seio familiar (*"Sempre essa ideia, nós somos para sempre."* [M3]) e que transmitem à criança que é amada e valorizada (*"[...]sempre tivemos cuidado em reforçar que a amávamos e que era nossa filha agora e sempre e que isso nunca*

mais vai mudar, até mais do que uma vez por dia." [M65]). "Rituais familiares" descreve um espaço familiar onde era valorizado o tempo passado em conjunto (*"Aquilo que nos fomos habituando a ter os tais programas juntos, são os nossos momentos, continuam a existir."* [P44]) e no qual eram celebrados os momentos que marcaram a vida familiar (*"Intitulamos o dia da nossa família, fazemos a festa da família para sempre porque faz sentido e não quero que em nenhum momento tenha dúvidas."* [M65]).

Dificuldades Atuais das Crianças e Adolescentes Adotados

A categoria designa a realidade familiar atual, ao nível dos sentimentos e dos comportamentos das crianças e a estabilidade relacional da família. Esta categoria divide-se em duas subcategorias: "Sentimentos de perda e de instabilidade" e "Especificidades associadas ao vínculo". "Sentimentos de perda e de instabilidade" reflete a prevalência de sentimentos de perda, que pareceram continuar presentes, mesmo que não explicitamente, e representavam uma preocupação recorrente para os pais (*"[...]eu temo que ela não tenha ainda ultrapassado o facto de ter sido abandonada pela mãe*" [M34]) e aos quais ainda se associou uma sensação contínua de dificuldade (*"Mais ou menos, porque desde os meus, não, desde os meus 13 anos até agora foi uma vida muito difícil, muito, muito difícil, não parei, nunca parei a ficar em casa, numa vida só, não parei."* [C50]), e um sentimento de solidão, que fragilizavam as crianças adotadas (*"E também o fato de me sentir muitas vezes ... sozinha torna isso difícil ..."* [C41]).

A subcategoria "Especificidades associadas ao vínculo" reflete o espetro de expressões emocionais e comportamentais da criança, demonstradas pelas crianças adotadas no momento presente, relativas ao núcleo familiar e à conduta tomada perante estranhos, dividindo-se em três sub-subcategorias. A sub-subcategoria "Ao nível emocional" ressalta o medo e insegurança das crianças especificamente face ao seu papel na família (*"[...]eu tenho medo de uma coisa, que a minha mãe me troque por outras pessoas, porque às vezes eu sonho com isso."* [C134]), associada a uma procura constante de validação (*"[...]mas depois muito carente, muito insegura, procura muita validação."* [M41]) e é um tema que as crianças abordam junto dos pais (*"Tem muito medo de perder isso e, principalmente comigo, exprime isso muito; dessa falta."* [M103]).

Verificou-se a prevalência de baixa autoestima nas crianças adotadas (*"Assim, a autoestima dela não é muito grande."* [M10]), que causa constrangimentos noutras facetas da vida *("[...]mas tem uma autoestima que ele nem reconhece como baixa autoestima, porque quando acha que não vai conseguir as coisas, desiste."* [M3]), e de ambivalência aos vários

níveis: por um lado, uma criança afirmou sentir-se pouco conectada aos pais adotivos e se mantinha ligada aos pais biológicos, conduzindo a alguma confusão ("*Porque eu tinha uma família antes e eu gostava muito deles [...]Eu ainda nem sei... eles são a minha família, como é óbvio, mas ter duas famílias, que eu sei que a outra não é bem a minha família, isto é tudo muito complicado [...].*" [C135]) e por outro, uma ambivalência reportada face à satisfação com expressão de afetos dos pais, em que a criança adotada aparenta não gostar de demonstrações físicas de afeto, aceitando-as em função da pessoa que lhas oferece (*"E: Boa, boa. E quando a tua mãe, por exemplo, te dá abraços, beijos, carinho, essas demonstrações de afeto, tu gostas? / C: Não [...] Eu aceito, eu só aceito os abraços da minha mãe porque é a minha mãe."* [C71]).

A sub-subcategoria "Ao nível comportamental" enumera condutas específicas, ligadas à dinâmica relacional, que demarcam a vivência familiar atual. Nota-se que o comportamento agressivo das crianças se manteve, não sob a forma física, mas sobretudo ao nível das reações (*"E depois, ela é muito reativa. Ela não é de bater, ou de porque sim, mas é muito de reagir."* [M71]) e da abordagem para com outras pessoas (*"[...]é uma menina cheia, cheia de vida; muito querida, mas ao mesmo tempo um bocado brusca nas respostas que dá."* [M103]). A recusa de conforto acentuou-se na atualidade, sendo que em situações de vulnerabilidade, as crianças adotadas pareceram evitar o conforto dos pais (*"E: Nas situações em que M. […] por exemplo está doente ou quando tem alguma preocupação ou se magoa, há alguma pessoa em particular a quem ela recorra? / M: Aí também é outra dificuldade. A M. [...]Não recorre."* [M34]). Relatou-se também uma expressão de afeto escassa por parte das crianças adotadas, mesmo perante momentos difíceis dos membros da família (*"Neste momento, ela faz, mas se puder evitar continua a evitar [...]não é tão espontâneo [...] a M.I. não demonstra, eu posso estar doente, a avó pode estar muito doente ou o avô pode estar doente, nunca pergunta se estamos bem, se estamos mal, se estamos doentes."* [M34]), chegando a ser algo que provocava desconforto para algumas crianças (*"E: Ok, ok. E o contrário? Tu gostas de dar abraços, beijos, carinho? / C: Não, não, eu não."* [C71]). Concomitantemente, pareceu prevalecer um sentido de autonomia excessivo, pelo qual as crianças adotadas evitavam pedir ou aceitar ajuda, atuando de forma independente dos pais ou de qualquer outra figura de apoio (*"Tanto esta coisa que eu faço sozinha, eu sei, eu desempenho assim, eu consigo avaliar tudo sozinha, etc."* [M57]).

Na atualidade, foram relatados outros problemas como a mentira, como estratégia de fuga face a momentos de desconforto (*"[...]temos a questão da mentira [...] Mas a fuga, o tentar pela mentira fugir a alguma, resolver alguma situação, tem sido um desafio."* [P18]), a rebeldia e desobediência, expressas através da recusa pela autoridade e uma imposição das próprias vontades das crianças (*"E mais, este aspeto de desobediência, de imposição, quando*

a mãe propõe limites, propõe regras, propõe imposições, ela não aceita facilmente. Há aqui realmente uma necessidade de desafio, eu consigo impor aquilo que eu quero." [M57]) e a necessidade de controlo, uma questão comumente mencionada pelas famílias na atualidade (*"Ela disse que não era bom e que tem mesmo a ver com ela querer controlar [...]"*[M65]). A nível social, continuou a reportar-se quer distanciamento ou apreensão (*"Não, ele não é muito amistoso com pessoas desconhecidas [...]"*[M3]) quer proximidade exagerada da criança face a desconhecidos, que continua a ser uma preocupação para os pais (*"E: Okay. E há pouco falava-me que a M. é muito aberta no início, nas relações com as pessoas. Alguma vez sentiu preocupada por ela demonstrar demasiado amistosa com desconhecidos, por exemplo numa loja .../ M: Sim, isso preocupa-me."* [M34]). Na sub-subcategoria "Manifestações comportamentais e fisiológicas de desregulação", foi mencionado o comportamento alimentar da criança adotada, sublinhando um sobreconsumo em momentos de maior ativação emocional (*"Em termos alimentares tem ainda hoje ...hum, foi uma das coisas que nos disseram cuidado porque ela tem vontade de comer e nota-se quando está mais nervosa mais ela come."* [M34]) e continuam a ser reportadas questões relacionadas com o sono, indicando dificuldade a adormecer (*"C: Tenho [...]demoro muito a adormecer."* [C135]) e insónias (*"Adormecer até adormeço ... o problema é durante a noite. Acordo muitas vezes e sinto que estou em aquele estado de alerta, sei lá."* [C41]).

Evolução da Relação Pais-Filhos

A categoria descreve a dinâmica pais-filhos na atualidade, indicando trajetórias desde a aproximação até ao afastamento, considerando especificidades relativas à estrutura familiar. Engloba quatro subcategorias: "Aproximação"; "Dinâmicas de proximidade e tensão"; "Afastamento" e "Preferência por um dos pais". A subcategoria "Aproximação**"** descreve uma evolução positiva, em termos globais, da relação pais-filhos. É retratada uma discrepância entre o passado e o presente, relativamente à relação entre os membros da família, notando-se uma aproximação e fortalecimento do papel dos pais enquanto confidentes e protetores das crianças. Os relatos sobre a aproximação descreveram um processo gradual (*"Neste momento estamos numa relação muito boa, mas antes houve uma altura [...]nós tínhamos várias discussões, mas agora eu compreendo porque a da minha mãe queria ser mais protetora e tudo mais. Estamos numa fase muito boa."* [C71]) que se foi reestruturando com o tempo, dando espaço à proximidade entre pais e filhos (*"[...]só depois consegui ter, captar a confiança dos meus pais e agora sinto-me mais seguro com os meus pais, ao pé de mim."* [C54]), atingindo uma

dinâmica globalmente agradável (*"A relação é boa. Há confiança. Ela confia muito em mim, recorre muito a mim."* [M41]).

A aproximação entre pais e filhos apontou para uma "Re-significação dos papéis parentais", pela qual os pais adquiriram novos papéis perante as crianças adotadas ao longo do tempo (*"E – Evoluiu?/M – Sim, ao longo do tempo[...]Confiança [...]Necessidade de... de mim; o passar a olhar para mim como a figura que está aqui para a proteger, sempre."* [M103]). Os pais tornaram-se figuras de proteção, procuradas pelas crianças em situações de vulnerabilidade física (*"Não, ela manifesta logo junto de nós, tanto vale do pai ou da mãe a dizer que está doente ou que precisa de ajuda."* [P103]) e emocional (*"[...]eu quando estou com ansiedade eu procuro alguém [...]/E: E quem é que costumas procurar? Ou é, assim, quem estiver mais à tua beira? Quando tens assim esses momentos? / C: A mãe."* [C135]). Pais tomaram o lugar de confidentes em quem as crianças confiavam e partilhavam informações privadas e delicadas (*"[...]Porque eu até falo com a minha mãe, eu até falo com a minha mãe sobre coisas mesmo íntimas."* [C50]); (*"Sim, confio plenamente na minha mãe e conto-lhe tudo sobre a minha vida"* [C88]). A subcategoria "Dinâmicas de proximidade e tensão" mostra dinâmicas em que existiam, simultaneamente, momentos de proximidade e de afastamento ou conflito, e nas quais, mesmo que se tenha relatado uma melhoria global na relação ao longo do tempo, parecia prevalecer uma postura de retração por parte das crianças (*"Ao mesmo tempo, criou-se uma ligação mais forte, não há dúvida de que isso fortaleceu nossa relação, mas depois, também chegou um momento em que estávamos a desgastar [...] mas depois a ligação tornou-se diferente, é de falar, diz as coisas, embora, às vezes, ela trate como se não fosse nada [...]"*[M10]).

A subcategoria "Afastamento" descreve um afastamento ou desgaste na relação e as reflexões subsequentes sobre o significado da adoção e o futuro enquanto família. Este resultado é notado numa díade particular: a mãe descreveu uma unilateralidade relacional que a levou a pensar na relação no futuro (*"Ela não me deixa margem para isso. Mas, não sei se ainda é cedo, que posso esperar [...] é muito difícil relacionar-me com ela. Eu acho que não consegui .... eu acho que não consegui ter uma ligação com a M. Quer dizer, eu tenho. Não sinto que ela tenha comigo. Eu acho que não consegui essa parte. Aliás, eu não me imagino com ela daqui a uns anos porque acho que ela que não, não vai fazer parte. Vai-se afastar de vez, não é?"* [M34]). A filha complementou a descrição feita pela mãe, tendo visto o distanciamento como um meio para se proteger e, contrariamente à sua mãe, o afastamento fê-la refletir sobre o significado da adoção (*"Há ... continuo afastamento [...] Porque há .... a minha mãe as vezes não me entende e começa a atirar coisas a cara e muitas das vezes magoa-me e como magoa*

e noto que não há um arrependimento a ação que fez, então, eu .... protege-me a mim mesma e vou-me afastando. Agora, neste momento, eu perguntaria qual o motivo que levou a adotar e se realmente me queria, porque é que me ... trata deste jeito." [C41]). Numa outra família, ainda que a avaliação global da evolução feita pela criança não tenha revertido a nenhuma direção em concreto, esta realçou um decréscimo de qualidade na relação sobre a qual, quando questionada, se devia aos castigos físicos que recebe por parte da mãe (*"Na perspetiva da criança, a sua relação com a mãe não mudou muito, entre o momento da adoção e o presente. Disse que "ficou igual", sendo que piorou em algumas coisas [...]Explicou que lhe bate (estalos e palmadas no rabo), quando se chateia com ela por causa do seu comportamento.*" [C13]).

A subcategoria "Preferência por um dos pais" reverte para uma dinâmica específica à adoção por casais, retratando situações em que há distinção ou favorecimento por um dos pais adotivos em detrimento do outro, levando a sub-subcategorias como a "Preferência pelo pai", "Preferência pela mãe" e "Sem discriminação entre pais". Na sub-subcategoria "Preferência pelo pai" é possível verificar uma dinâmica de proximidade entre pais e filhos, corroborada por pais (*"[...] a V. adapta-se melhor comigo do que se adapta com a minha mulher."* [P103]) e por crianças (*"A [relação] do pai mudou para melhor, a mãe mudou para pior [...] pronto já à mãe eu não consigo, é mais difícil."* [C135]). Os excertos da sub-subcategoria "Preferência pela mãe" mostram uma tendência para favorecer a figura materna (*"Ela tinha uma obsessão muito grande por ter mãe. E a figura paterna não estava tão fragilizada. Isso disseram-nos logo quando a adotamos. E então, fosse o B., fosse outra pessoa, ela queria a mãe. Mas queria a mãe só para ela."* [M41]), sendo ainda evidente a sensibilidade das crianças face à distinção relacional (*"[...] eu não sinto tanto amor com ele como com a minha mãe. Eu não sei porquê. Eu não gosto… eu nunca disse isso à frente dele porque eu sei que ele, vai-lhe magoar, mas eu nunca… por exemplo, não é de eu gostar de um, mais de um do que do outro, mas não sinto tanto amor [...]"* [C134]). A sub-subcategoria "Sem discriminação entre pais" reflete a dinâmica única de uma família, na qual a criança adotada não distinguia entre os pais, procurando ambos quando necessitava (*"A criança indicou procurar "os papás", nestas situações, sem que tenha feito quaisquer distinções entre o pai e a mãe."* [C80]) e distribuía deliberadamente o seu tempo por ambos (*"Por acaso é engraçado porque da parte da L. nunca sentimos, desde o início, favorecer um, ela até tinha certo cuidado, quando estava com um estava depois com o outro, é algo que ela tinha necessidade de um e do outro, e às vezes precisa de estar com os dois, curioso."* [M65]).

Fatores de Proteção e de Risco à Estabilidade Familiar

A categoria agrupa os elementos que fragilizam ou reforçam as relações e a estabilidade familiar e divide-se nas subcategorias "Fatores de proteção" e "Fatores de risco". A subcategoria "Fatores de proteção" enumera aspetos relacionados com a criança, com o contexto de adoção e com aspetos relativos ao ambiente à volta da família que promovem e favorecem o estabelecimento de relações positivas, definindo-se assim duas sub-subcategorias: "Fatores relativos à criança" e "Fatores relativos ao contexto de adoção e ao ambiente circundante da família".

Em "Fatores relativos à criança", verifica-se que a predisposição para pertencer à família foi considerada um fator que facilitou a adaptação da criança à nova família (*"Foi fácil [...] Facilidade foi haver uma vontade de querer estar na família."* [C41]). Já na sub-subcategoria "Fatores relativos ao contexto de adoção e ao ambiente circundante da família", quando questionados sobre o impacto da monoparentalidade sobre a estabilidade familiar, alguns pais mencionaram a possibilidade de agir independentemente como um aspeto positivo dessa estrutura familiar (*"Não, trouxe mais facilidade [...] eu no fundo acabei para fazer as coisas muito à minha maneira"* [M3]). Ainda relativamente à constituição familiar, a relação fraterna foi igualmente mencionada como um benefício para a família, estando associada à promoção de maior tranquilidade das crianças e como facilitadora da sua integração na família (*"E: Ok. Considera que ter adotado uma fratria implica mais dificuldades? [...]/ P: Dificuldades não. Até, se calhar, para mim, é mais fácil [...]ficam mais tranquilos, sabem que o outro ser é do sangue deles, fez o caminho deles e, portanto, estão ali numa casa em que não é tudo estranho, pelo menos há alguém que eles…ficam mais tranquilos"* [P103]). O tempo de adoção é considerado múltiplas vezes como um fator que incrementou a qualidade da relação entre pais e filho, parecendo ter conduzido a um aumento de proximidade e confiança ("*É o relacionamento, o tempo, a proximidade.*" [M10]).

Relativamente a fatores inerentes ao ambiente circundante da família, a aceitação da família alargada contribuiu para a integração da criança na família (*"E: Em termos do que foi fácil ou difícil nesta integração [...] houve mais alguma coisa que facilitou esta tua pertença à família, este sentimento?/C: Se calhar, as pessoas terem aceitado e percebido bem. Como se eu já pertencesse à família."* [C88]). Sublinhou-se ainda o papel do apoio profissional, especificamente ao nível da saúde mental, na promoção de uma relação de melhor qualidade entre pais e filhos (*"Com a ajuda da minha psicóloga e com o facto de eu tentar entrar mais na mente da minha mãe, ver o lado da minha mãe."* [C71]) e na superação das dificuldades (*"[...]a psicóloga da medicação e outra mesmo, para me ajudar [...] E: Ok. Ok, sentes que isso*

tem-te ajudado aqui a lidar com estas dificuldades?/ C: Sim." [C50]) culminando na perceção de que a rede de apoio representa uma mais-valia para integração da criança e a estabilidade familiar (*"[...]uma rede de apoio faz mesmo a diferença [...]ter pessoas no mesmo pé para ajudar, faz mesmo a diferença."* [M65]).

A subcategoria "Fatores de risco" contempla excertos que abordam os aspetos relativos à história de vida e às etapas do desenvolvimento das crianças adotadas, características da família, da adoção e do seu ambiente circundante que fragilizam as relações familiares e trazem mal-estar ou instabilidade à relação pais-filhos. Foram identificadas três sub-subcategorias: "Fatores relativos à criança" e "Fatores relativos aos pais adotivos" e "Fatores relativos ao contexto de adoção e ao ambiente circundante da família". A sub-subcategoria "Fatores relativos à criança" mostra que a experiência de acolhimento residencial foi reconhecida como um desafio que requer a adaptação da família (*"Que o facto de ter estado institucionalizado se reflete durante, às vezes os primeiros anos de vida, ah que ao nível da maturidade e da socialização, que isso pode ter influência e de cada ano de institucionalização precisávamos de outro para recuperar."* [M18]) e que o diagnóstico psicológico, especificamente de Perturbação da Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA) afeta a estabilidade familiar (*"[...]estas dificuldades têm a ver com o crescimento dela e com o TDAH e com a autorregulação dela."* [M10]).

A idade da criança adotada foi vista como um fator que acarreta desafios (*"Tem os seus desafios, às vezes penso que tenho estes desafios por ser mãe de uma menina mais velha."* [M65]) e, ainda ligada à questão da idade, estaria a transição para a adolescência, que foi reconhecida pelos entrevistados como uma fase com características particulares ("*Quatro, faz parte, o que falta ali do quatro para o cinco eu acho que faz parte, desta fase, se é neste momento, é porque adolescência é adolescência."* [M3]), e à qual estariam inerentes dificuldades (*"[...]inicialmente, por idade, adolescência também é um bocado mais difícil [...]"* [M103]). Os principais efeitos da transição para esta fase do desenvolvimento deram-se ao nível dos afetos, tendo-se verificado a diminuição da expressão ou da recetividade a afetos (*"[...]não pode ser durante muito tempo estamos aqui numa fase em que o afeto não pode ser demonstrado muito tempo."* [M57]), retração perante os pais e diminuição da confiança (*"Ela agora está fechada, mas faz parte da adolescência. Acho que está mais fechada, acho que está mais magoada com a vida. Ela vinha como uma criança com esperanças, e neste momento acho que está... está magoada."* [M41]), e a prevalência de atitudes inapropriadas para com os pais (*"[...]Porque o A. entrou na fase da adolescência, porque o A., com a sua impulsividade associada à sua condição, tem reações para comigo que eu várias vezes tenho que lhe dizer*

olha que eu não sou teu colega." [M44]). Em "Fatores relativos aos pais adotivos", nota-se que os pais consideraram a sua idade mais avançada como um impasse à integração da criança na família (*"Acho que em termos emocionais para mim, pelo menos, talvez se fosse mais nova seria mais fácil este processo emocional [...]"* [M65]) e que as expectativas parentais em relação à parentalidade parecem ter impedido o estabelecimento de relações entre os pais e as crianças adotadas (*"[...]ele também tinha a expectativa de ser pai e não estava a conseguir e depois o feitio dele também não facilitou esta relação."* [M41]).

Já "Fatores relativos ao contexto de adoção e ao ambiente circundante da família" ilustram uma outra perspetiva face às variáveis que circundam a família. Por exemplo, enquanto algumas famílias apontaram à monoparentalidade a possibilidade de agir mais livremente, foram sobressaíram menções à maior pressão sobre a qual a única figura parental estaria sujeita (*"As dificuldades são assim é uma mais-valia, porque, neste momento, eu acho que é melhor, porque não há duas pessoas a dizerem coisas diferentes, mas também é pesado, porque, às vezes, também não temos com quem falar ou dividir o peso [...]."* [M10]) sendo a sobrecarga reforçada por outros testemunhos (*"E: [...]o facto de ser uma família monoparental implica dificuldades acrescidas?/ M: Implica, porque tá tudo concentrado em mim [...]."* [M71]). Em relação à adoção de fratrias, um testemunho de uma mãe mencionou explicitamente o impacto negativo da adoção de irmãos na relação que se estabelece entre pais e filhos (*"[...]eu tenho a certeza absoluta que se não fosse uma fratria, que se fosse só a V., o meu relacionamento com ela era melhor."* [M103]). Por fim, o recurso a uma rede de apoio foi considerado como uma forma de rejeição por uma criança (*"Porque eu procuro ajudas externas. E ela acha que eu devia saber lidar com isto tudo sozinha. Não precisava de ser exposta. Ela acha que isso é uma rejeição. Acho eu que ela sente isso como uma forma de não a aceitar."* [M57]).

Discussão

Considerando a análise feita e apresentada na secção anterior, procede-se à reflexão sobre a mesma, recorrendo à investigação disponível. Relativamente ao primeiro objetivo, pelo qual se visava identificar as experiências vividas pelos pais e pelos filhos antes da adoção, registou-se que, na sua generalidade, aquilo que foi reportado sobre as experiências precoces das crianças coincidiu com os dados já reportados em investigação prévia enumerando-se principalmente experiências de negligência e abuso (Baptista et al., 2013; Barbosa et al., 2025; Silva et al., 2023), sendo o acolhimento residencial a medida de proteção mais mencionada.

Barroso et al. (2018), MacLean (2003) e Román e Palacios (2012) sintetizaram os impactos negativos da institucionalização a nível físico, emocional e psicológico, e sublinharam a dificuldade na formação de relações significativas entre profissionais de acolhimento e as crianças, levando a que o relato de sentimentos positivos em relação à institucionalização tenha sido um resultado inesperado. Não obstante, a leitura destes resultados através dos dados da investigação levantada deve ser feita com cautela, já que a maioria dos estudos sobre os impactos da institucionalização de crianças é sobretudo de índole quantitativa que, como já estabelecido, acaba por excluir nuances, que poderiam, tal como acontece no presente trabalho, revelar experiências individuais.

A visão positiva face à experiência de institucionalização pode remeter ao movimento que se faz sentir no âmbito da atuação em contextos de acolhimento, pelo qual se transita para uma nova abordagem – o "*Modelo Especializado*" – que se foca nas necessidades específicas das crianças, privilegiando um trabalho baseado em práticas sensíveis ao trauma, assente num exercício que vai além da resposta aos quesitos básicos (alimentação e higiene) procurando reconhecer as particularidades (comportamentais e emocionais) decorrentes das experiências precoces e ainda providenciar um ambiente de afeto e de apoio sensível (American Association of Children's Residential Centers, 2009). Procura-se que este seja o modelo que vigora globalmente, mas a realidade é discrepante e poderá justificar as diferenças nas experiências de institucionalização entre adotados. Ainda no âmbito do percurso prévio à adoção, verificou-se que, mesmo tendo sido mencionada pelos pais, a vontade de adotar como um desejo de longo prazo surgiu em números menores do que os relatos sobre os impedimentos à parentalidade biológica (i.e., questões de infertilidade e o termo da gravidez) sendo esta a principal motivação para a adoção reportada na literatura (Soares et al., 2023).

Como principais dificuldades das crianças adotadas, nos primeiros tempos em pós-adoção, esteve a prevalência de sentimentos de perda das crianças adotadas face às pessoas significativas do seu passado (e.g., irmãos, profissionais do acolhimento), como já previam Brodzinsky (2011) e Soares et al. (2019). Foram igualmente comuns relatos sobre a sensação de insegurança, especificamente face à adequação das crianças adotadas às expectativas parentais, o que pode ser analisado à luz da fase de "*antecipação*" do modelo de quatro fases de Pinderhughes (1996). Esta fase é particularmente marcada pelas cognições de cada membro da família em relação ao futuro e sobre a nova dinâmica familiar. Estas ideias diferem entre adotantes e adotados, devido às diferentes experiências familiares a que estiveram sujeitos: crianças adotadas viveram em ambientes familiares marcados pela disfuncionalidade e falta de afeto, levando-as a tecer visões sobre si mesmas, que poderão incluir crenças de serem pouco

merecedoras de amor ou insuficientes (Soares et al., 2019) e que, não sendo resolvidas, se mantenham presentes e se transponham ao período de pós-adoção.

As representações das crianças não são imutáveis, havendo possibilidade de melhoria através da promoção de segurança garantida pelo novo contexto, onde vigora a previsibilidade e a continuidade do afeto (Doyle & Cicchetti, 2017). Estes resultados sublinham a importância da segurança enquanto propulsora da recuperação das crianças adotadas, quer ao nível físico quer ao nível emocional (Baptista et al., 2013; Wydra & O'Brien, 2018). Em contrapartida, ambientes em que vigore a insegurança, caracterizados pela instabilidade ou pela ausência de proteção circunscreveriam as crianças a condições insustentáveis das quais já tinham sido separadas e a uma condição permanentemente falível, comprometendo assim a sua vivência e dificultando a superação das suas dificuldades (Doyle & Cicchetti, 2017).

Os relatos sobre as dificuldades descreveram posturas que parecem reverter à vinculação. Além dos sentimentos de insegurança face a uma possível rejeição por parte dos pais, verificaram-se comportamentos distintos: por um lado, a procura de proximidade e de aceitação e por outro, o distanciamento e a expressão escassa de afeto. Na esfera social, foram igualmente reportadas afetuosidade intensa e pouco discriminada junto de estranhos e agressividade para com pessoas externas ao contexto da família nuclear, sugerindo a prevalência de condutas que, na literatura, são tipicamente associadas a dificuldades de vinculação em crianças com histórico de adversidade precoce (Monette et al., 2022; Soares et al., 2019). Contudo, não se pretende, através desta análise baseada na vinculação, classificar nenhuma das crianças do estudo, compreendendo-se que tal seria errado dada a natureza e escopo dos resultados disponíveis.

Perante esta realidade constatou-se uma predisposição parental em atender às necessidades das crianças que, segundo Hamilton et al. (2007), é comum em contexto de adoção, dado que pais adotivos tendem a investir mais nos seus filhos de modo a compensar as dificuldades e estigma decorrentes da adoção. Esta predisposição traduziu-se em sensibilidade parental face às especificidades inerentes aos seus filhos e à sua história, na tentativa consciente de responder às dificuldades e necessidades das crianças adotadas, na disponibilidade em discutir aspetos relacionados com o historial das crianças antes da adoção e sobre o próprio processo e na promoção de um ambiente familiar caracterizado pelo afeto.

Anteriormente identificados como comportamentos parentais promotores da reestruturação dos sistemas de vinculação e do fortalecimento das relações em pós-adoção, estes comportamentos são igualmente consistentes com a abordagem da parentalidade sensível ao trauma. Sendo particularmente relevante no contexto da adoção dado o histórico de trauma

complexo das crianças adotadas (Brodzinsky et al., 2022), o modelo postula que os pais devem reconhecer que estas experiências traumáticas levam a consequências a longo prazo, expressas a nível das emoções e do comportamento (Smith, 2024; Sullivan et al., 2016). Assenta em quatro pilares fundamentais: 1) a garantia de segurança, atingida através da consistência e definição de rotinas diárias; 2) a criação de um espaço no qual a criança se sinta valorizada, fortalecido pela existência de momentos de conexão; 3) a promoção de regulação emocional, em que os pais guiam as crianças neste processo partindo sempre da empatia, sem tecer julgamentos; e 4) respostas parentais sensíveis aos problemas que vão surgindo, priorizando a regulação mais do que o controlo comportamental (Smith, 2024).

A avaliação das dificuldades atuais permitiu verificar a prevalência de sentimentos de perda e a sensação contínua de instabilidade, passíveis de ser explicadas a partir de Brodzinsky (2011), que determinou que a compreensão sobre a adoção acompanha o desenvolvimento cognitivo das crianças, tornando-se progressivamente mais sofisticada. Sendo a amostra constituída por crianças que, à altura da entrevista, teriam uma idade média de 14.47 anos, estar-se-á perante adolescentes, que já conseguem concetualizar a descontinuidade que decorre da adoção e que começam a equacioná-la como parte da sua história e da sua identidade. O maior número de relatos de dificuldades das crianças adotadas na atualidade vem a confirmar aquilo que Palacios et al. (2009, 2014) indicou relativamente ao facto de que as melhorias proporcionadas em pós-adoção não resultam na eliminação total das dificuldades. Ainda que as crianças já estivessem junto das suas famílias por um tempo médio de 5.92 anos, as dificuldades continuaram a reportar-se, reforçando assim a discrepância acima descrita sobre as trajetórias das dificuldades no pós-adoção.

No que concerne a evolução da relação pais-filhos no pós-adoção, verificaram-se trajetórias distintas. A maioria das famílias indicou melhorias relacionais no sentido da trajetória proposta por Barroso et al. (2018), expressas pelo aumento de confiança e aproximação, às quais esteve ainda associada uma redefinição dos papéis parentais, considerada essencial para o sucesso da adoção (Barbosa et al., 2025). As crianças adotadas começaram a apoiar-se mais nos pais em momentos de maior vulnerabilidade (e.g., em caso de doença), sugerindo um sentimento crescente de segurança, que aproxima os pais daquilo que, na teoria de vinculação se descreve como *"base segura"* (Vandesande et al., 2019). Nem todas as trajetórias correspondem a este padrão, e verifica-se que, especificamente em famílias com filhos adolescentes, vigoram dinâmicas familiares oscilantes, com proximidade e conflito simultâneos, como uma componente das relações familiares na adolescência, mas que ao longo do tempo se dissipa (Walkner & Rueter, 2014). Numa situação familiar específica verificou-se

que o afastamento entre a mãe e a sua filha estava associado um relato de punição física por parte da mãe adotiva, o que levanta uma questão severa que deve ser abordada por contrariar fundamentalmente a visão da família adotiva enquanto espaço de recuperação das experiências adversas precoces (Juffer & van IJzendoorn, 2007; Palacios et al., 2009; Román & Palacios, 2012).

Identificou-se ainda, junto de famílias biparentais, a preferência por um dos pais em detrimento do outro. Neste sentido, Walkner e Rueter (2014) previram uma maior proximidade entre crianças adotadas e as suas mães e, simultaneamente, níveis mais altos de proximidade em função do género, o que se veio a confirmar na maioria dos relatos sobre este tópico. Contudo, em algumas famílias este padrão não se registou, verificando-se uma maior proximidade para com o pai e uma postura distante para com a mãe. Esta trajetória relacional pode dever-se a múltiplos fatores, quer pessoais, como uma favorabilidade prévia à adoção por uma das figuras parentais e que acaba por se refletir no pós-adoção, quer sobre aspetos inerentes à atual dinâmica familiar, como o tempo e qualidade dos momentos passados em conjunto.

No que diz respeito ao último objetivo, foi possível observar que, globalmente, os relatos das famílias vão de acordo com as valências atribuídas na literatura. Dada a existência de posições ambivalentes, entre as famílias, face a um mesmo fator, será sobre estes resultados que a análise se debruçará.

Relativamente à monoparentalidade, notou-se que, a par de uma perspetiva que vê nesta estrutura parental liberdade e autonomia de agência na parentalidade, estaria a maioria dos relatos, que apontam para a sobrecarga e concentração de responsabilidade – já previstas por Pereira et al. (2025) – como principal aspeto negativo associado. Esta discrepância vem mostrar que, por si só, a monoparentalidade não é um problema, e o que sobressai realmente são as condicionantes que circundam a realidade familiar (e.g., falta de apoio) que impactam a forma como vivem o pós-adoção.

Em relação à adoção de fratrias, notou-se uma postura positiva que via neste tipo de adoção uma mais-valia para a criança, levantando aquilo que autores como Román et al. (2012) definiram como benefícios para as crianças, especificamente o alívio de problemas psicológicos e a promoção de um sentido de continuidade. Não obstante, o possível papel inviabilizador da adoção da fratria no estabelecimento de relação pais-filhos, relatado por uma mãe, leva a considerar um outro argumento presente na investigação sobre a adoção. Sem descurar o sentido de continuidade e benefícios no bem-estar das crianças adotadas, existem situações em que a separação dos irmãos pode ser considerada benéfica (e.g., em casos de forte competição, ou *bullying*) – tendo sempre em vista o superior interesse das crianças (Lord & Borthwick, 2001,

cit. por Hillman et al., 2023; Linares et al., 2007). Os resultados sublinham a necessidade de fazer uma avaliação técnica global do contexto, quer antes quer depois do decreto de adoção, a fim de perceber qual a melhor atitude a tomar.

Por fim, verificou-se que quando abordada no seu sentido lato, houve relatos ambivalentes sobre o impacto da rede de apoio. Porém, ao desdobrar o conceito em diferentes componentes do apoio, como a família ou profissionais, verificou-se unanimidade nas perceções: a família alargada assumiu-se como fator de proteção, facilitador da integração da criança na família, e o apoio dos profissionais da saúde mental, através da promoção de cuidado especializado às famílias, conduziu à aproximação familiar.

Este estudo apresenta algumas limitações. A opção pela definição de um panorama geral das relações familiares no pós-adoção, impediu o acesso às especificidades de cada família, acabando algumas destas por ficar omissas. As diferenças no discurso entre pais e filhos, na medida em que as crianças e adolescentes entrevistados tinham um discurso mais básico e que pôde ser completado através dos relatos dos adultos, mas que se traduziu numa maior dificuldade no acesso às vivências que só as crianças poderiam atestar. Reconhece-se ainda um poderá haver um viés dos testemunhos, visto que, na sua maioria, as famílias adotivas que escolhem participar em iniciativas (como a do projeto *AdoPt*) tendem a apresentar níveis de ajustamento mais saudáveis.

Ainda que o presente estudo reporte com bastante detalhe as dinâmicas relacionais nas famílias adotivas, a opção por um desenho longitudinal em estudos futuros permitirá acompanhar a evolução das relações pais-filhos ao longo do tempo, captando aspetos mais concretos e as transformações contínuas do processo de adoção. Estudos futuros poderão ainda observar a vivência do pós-adoção, direcionando o olhar para a realidade parental, considerando as dificuldades sentidas pelos pais nesta nova fase das suas vidas, também elas marcadas por especificidades e ajustes à sua realidade – familiar, conjugal e social – e como estas se poderão refletir nas relações que vivem com os seus filhos.

Em termos de implicações para a prática em Psicologia, os resultados deste estudo reforçam a importância de serviços especializados, sensíveis ao trauma e que promovam o bem-estar dos pais e crianças adotadas. Este trabalho é especialmente relevante quando se considera que adolescentes adotados são das populações que mais acedem a serviços clínicos, que são frequentemente pouco eficazes na resposta às suas necessidades específicas (Wright et al., 2022) e que o bem-estar parental, essencial no exercício da parentalidade sensível ao trauma (Smith, 2024) é secundarizado face a outras necessidades familiares. Resultados como a ambivalência verificada face a alguns aspetos tidos como lineares pela literatura em adoção

(e.g., monoparentalidade como fator de risco à adoção) sublinham a exigência de uma avaliação detalhada das famílias, evitando intervenções baseadas em critérios padronizados. Por fim, dada a complexidade sistémica da dinâmica familiar seria pertinente alargar o escopo de intervenção no pós-adoção, definindo um trabalho multidimensional que permita trabalhar com outros membros da família (como os avós) para promover o bem-estar das crianças adotadas e a estabilidade familiar.

Conclusão

Este estudo procurou explorar as relações entre pais e filhos, em contexto de adoção, partindo dos momentos iniciais em família, identificar as dificuldades na transição e a forma como os pais atuam e colmatam as necessidades das crianças adotadas. Procurou perceber-se quais as dificuldades enfrentadas pelas crianças no presente e como se caracterizam, atualmente, as relações pais-filhos, considerando os fatores que as podem impactar. Assim, através deste trabalho, pôde ver-se que:

1) tanto crianças adotadas como pais passam por experiências significativas que impactam a forma como vivem o pós-adoção;

2) a adaptação junto da nova família é descrita como um período onde vigoram dificuldades emocionais e comportamentais;

3) pais adotivos estão conscientes e sensíveis sobre a sua realidade e adotam estratégias que visam a recuperação das crianças, a integração do passado e a estabilidade familiar no presente;

4) as dificuldades sentidas nos primeiros tempos em pós-adoção pareceram ter-se intensificado na atualidade, salientando a necessidade de intervenção especializada em pós-adoção que vá promovendo resposta às dificuldades à medida que estas vão emergindo;

5) as trajetórias da relação entre pais e filhos são diversas e resultam em situações variadas, num espetro que varia entre a aproximação e o afastamento; e

6) a estabilidade familiar é impactada por uma variedade de fatores inerentes aos elementos da família e ao seu ambiente, assumindo diferentes valências para as diferentes famílias.

Referências

American Association of Children's Residential Centers. (2009). Redefining residential: Integrating evidence-based practices. *Residential Treatment for Children & Youth*, *26*(4), 246–251. https://doi.org/10.1080/08865710903256288

Baptista, J., Soares, I., & Henriques, M. (2013). O impacto da adoção no desenvolvimento da criança. *Psicologia*, *27*(2), 63–79. https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i2.422

Barbosa, E. L., Souza, F. C. de, & Hounsell, E. P. de F. (2025). Impactos psicológicos da adoção tardia e a construção do vínculo afetivo em crianças e adolescentes. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, *18*(11). https://doi.org/10.55905/revconv.18n.11-133

Barbosa-Ducharne, M., & Barroso, R. (2012). Análise intergeracional do processo de adoção: Avós, pais e filhos. *Revista AMAzônica, Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e educação*, *8*(1), 185-209. https://hdl.handle.net/10216/63869

Barbosa-Ducharne, M., Henrique, B., Fonseca, L., Barroso, S., & Soares, J. (2023a). *Entrevista sobre Adoção para Crianças e Adolescentes* [Manuscrito não publicado]. Projeto Adopt-Follow-up-em Pós-Adoção. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (3ª reimpressão, 1ª edição). Edições 70.

Barroso R., Barbosa-Ducharne M, & Coelho V. (2018). Portuguese adopted adolescents' perception of attachment relationships to parents. *Child & Family Social Work*. *23*, 204–211. https://doi.org/10.1111/cfs.12401

Bento, I. D. de J., & Grzybowski, L. S. (2024). Adoção de adolescentes e a construção do vínculo parento-filial. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, *12*(2), 57–74. https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/430

Brodzinsky, D. M. (2011). Children's understanding of adoption: Developmental and clinical implications. *Professional Psychology: Research and Practice, 42*(2), 200–207. https://doi.org/10.1037/a0022415

Brodzinsky, D. M., Gunnar, M., & Palacios, J. (2022). Adoption and trauma: Risks, recovery, and the lived experience of adoption. *Child abuse & neglect*, *130*(2), 105309. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2021.105309

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006) The bioecological model of human development. In W. Damon & R.M. Lerner (Eds.), *Handbook of Child Psychology* (6th ed., 793-828), John Wiley & Sons, Inc..

Brown, A., Waters, C. S., & Shelton, K. H. (2017). A systematic review of the school performance and behavioural and emotional adjustments of children adopted from care. *Adoption & Fostering, 41*(4), 346-368. https://doi.org/10.1177/0308575917731064

DeJong, M., Hodges, J., & Malik, O. (2016). Children after adoption: Exploring their psychological needs. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, *21*(4), 536–550. https://doi.org/10.1177/1359104515617519

Doyle, C., & Cicchetti, D. (2017). From the cradle to the grave: the effect of adverse caregiving environments on attachment and relationships throughout the lifespan. *Clinical Psychology: Science and Practice*. *24*(2), 203–217. https://doi.org/10.1111/cpsp.12192

Eboli, N. M. G., dos Santos, P. L., Carvalho, A.M. P., & Pasian, S. R. (2015). Parentalidade adotiva e psicopatologia infantil: uma revisão de literatura. *Revista da SPAGESP*, *16*(1), 122-134. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000100010&lng=pt&tlng=pt

Faleiros, V. de P., & Moraes, P. J. F. de S. (2015). Desafios e possibilidades na adoção. *Serviço Social e Saúde*, *13*(1), 29-46. https://doi.org/10.20396/sss.v13i1.8634913

Finet, C., Waters, T. E. A., Vermeer, H. J., Juffer, F., van IJzendoorn, M. H., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Bosmans, G. (2021). Attachment development in children adopted from China: The role of pre-adoption care and sensitive adoptive parenting. *Attachment & Human Development*, *23*(5), 587–607. https://doi.org/10.1080/14616734.2020.1760902

Flaherty, S. C., & Sadler, L. S. (2011). A review of attachment theory in the context of adolescent parenting. *Journal of Pediatric Health Care, 25*(2), 114–121. https://doi.org/10.1016/j.pedhc.2010.02.005

Grant-Marsney, H. A., Grotevant, H. D., & Sayer, A. G. (2015). Links between adolescents' closeness to adoptive parents and attachment style in young adulthood. *Family Relations*, *64*(2), 221–232. https://doi.org/10.1111/fare.12113

Hamilton, L., Cheng, S., & Powell, B. (2007). Adoptive Parents, Adaptive Parents: Evaluating the Importance of Biological Ties for Parental Investment. *American Sociological Review*, *72*(1), 95-116. https://doi.org/10.1177/000312240707200105

Hillman, S., Lajmi, N., Steele, M., Hodges, J., Simmonds, J., & Kaniuk, J. (2023). Sibling co-placement as a protective factor: a mixed method study on the impact of sibling placement on adolescent adoptees' emotional and behavioral development. *Adoption Quarterly*, *27*(4), 374–408. https://doi.org/10.1080/10926755.2023.2194296

Hornfeck, F., Bovenschen, I., & Kappler, S. (2026). Longitudinal development and factors affecting emotional and behavioral problems in adopted children after placement. *Journal of Child and Family Studies*, *35*, 383–399. https://doi.org/10.1007/s10826-025-03216-7

Juffer, F., & van IJzendoorn, M. H. (2007). Adoptees do not lack self-esteem: A meta-analysis of studies on self-esteem of transracial, international, and domestic adoptees. *Psychological Bulletin*, *133*(6), 1067–1083. https://doi.org/10.1037/0033-2909.133.6.1067

Linares, L. O., Li, M., Shrout, P. E., Brody, G. H., & Pettit, G. S. (2007). Placement shift, sibling relationship quality, and child outcomes in foster care: A controlled study. *Journal of Family Psychology, 21*(4), 736–743. https://doi.org/10.1037/0893-3200.21.4.736

Lo, A. Y. H., & Grotevant, H. D. (2020). Adoptive parenting cognitions: acknowledgement of differences as a predictor of adolescents' attachment to parents. *Parenting*, *20*(2), 83–107. https://doi.org/10.1080/15295192.2019.1694826

MacLean, K. (2003). The impact of institutionalization on child development. *Development and Psychopathology*, *15*(4), 853–884. https://doi.org/10.1017/s0954579403000415

Monette, S., Cyr, C., Terradas, M. M., Couture, S., Minnis, H., & Lehmann, S. (2022). Development and validation of a measure of attachment disorders based on *DSM*-5 criteria: The Early TRAuma-Related Disorders Questionnaire (ETRADQ). *Assessment*, *29* (3), 556-571. https://doi.org/10.1177/1073191120981763

Nadeem, E., Waterman, J., Foster, J., Paczkowski, E., Belin, T. R., & Miranda, J. (2017). Long-term effects of pre-placement risk factors on children's psychological symptoms and parenting stress among families adopting children from foster care. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*, *25*(2), 67–81. https://doi.org/10.1177/1063426615621050

Pace, C. S., Di Folco, S., Guerriero, V., & Muzi, S. (2019). Late-adopted children grown up: a long-term longitudinal study on attachment patterns of adolescent adoptees and their adoptive mothers. *Attachment & Human Development*, *21*(4), 372–388. https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1571519

Paine, A. L., Perra, O., & Shelton, K. H. (2026). Adopted children's internalizing symptoms and externalizing problems 8 years post-placement: Developmental trajectories and transitions. *Development and Psychopathology*, *38*(1), 322–333. https://doi.org/10.1017/S0954579425100175

Palacios, J., Román, M., Moreno, C., & León, E. (2009). Family context for emotional recovery in internationally adopted children. *International Social Work*, *52*(5), 609-620. https://doi.org/10.1177/0020872809337679

Palacios, J., Román, M., Moreno, C., León, E., & Peñarrubia, M.-G. (2014) Differential plasticity in the recovery of adopted children after early adversity, *Child Development Perspectives*, *8*(3), 169–174. https://doi.org/10.1111/cdep.12083

Paniagua, C., Moreno, C., Rivera, F., & Jiménez-Iglesias, A. (2019). Adolescents' perceptions of family relationships in adoptees and non-adoptees: More similarities than differences. *The British Journal of Social Work*, *49*(1), 25-43. https://doi.org/10.1093/bjsw/bcy028

Pereira, L., Baptista, J., Magalhães, E., Soares, J., & Barbosa-Ducharne, M. (2025). Pre-adoption experiences and attachment disorders in Portuguese adopted children. *Child & Youth Care Forum, 55*, 847-869. https://doi.org/10.1007/s10566-025-09904-1

Pinderhughes, E. E. (1996). Toward understanding family readjustment following older child adoptions: The interplay between theory generation and empirical research. *Children and Youth Services Review*, *18*(1), 115-138. https://doi.org/10.1016/0190-7409(95)00057-7

Pitcher, D. (2009). Adopted children and their grandparents: Views from three generations. *Adoption & Fostering*, *33*(1), 56-67. https://doi.org/10.1177/030857590903300106

Projeto AdoPt. (2021). Questionário Sociodemográfico. (Instrumento não publicado).

Raby, K. L., & Dozier, M. (2019). Attachment across the lifespan: Insights from adoptive families. *Current Opinion in Psychology*. *25*, 81–85. https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.03.011

Ranieri, S., Ferrari, L., Danioni, F. V., Canzi, E., Barni, P., Rosnati, R., & Rodriguez, M. R. (2021). Adoptees facing adolescence: What accounts for their psychological well-being? *Journal of Adolescence, 89*, 10–17. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2021.03.005

Rech, N. B., & Schlösser, A. (2020). A percepção de amor em indivíduos adotados. *Psicologia e Saber Social*, *9*(2), 113–135. https://www.e-publicacoes.uerj.br/psi-sabersocial/article/view/83381

Román, M., & Palacios, J. (2012). Separación, pérdida y nuevas vinculaciones: El apego en la adopción. *Acción Psicológica*, *8*(2), 99–111. https://doi.org/10.5944/ap.8.2.446

Román, M., Palacios, J., Moreno, C., & López, A. (2012). Attachment representations in internationally adopted children. *Attachment & Human Development*, *14*(6), 585-600. http://dx.doi.org/10.1080/14616734.2012.727257

Ruderman, M. A., Christy, D., Berman, A., Waterman, J., & Langley, A. K. (2025). Family closeness and adoption satisfaction: A longitudinal study of families adopting from foster care. *Translational Issues in Psychological Science*, *11*(4), 457–466. https://doi.org/10.1037/tps0000473

Silva, G. M. da, Leandro, A. M., Quirino, L. F., & Porto, A. K. (2023). Adoção tardia: Percepção dos psicólogos sobre os desafios do processo de adoção de crianças maiores. *Research, Society and Development*, *12*(7). https://doi.org/10.33448/rsd-v12i7.42615

Smith, J. (2024, 16 de janeiro). *Trauma Informed Parenting: Your Complete Guide*, Massachusetts Adoption Resource Exchange https://www.mareinc.org/articles/trauma-informed-parenting-overview

Soares, J., Ralha, S., Barbosa-Ducharne, M., & Palacios, J. (2019). Adoption-related gains, losses and difficulties: The adopted child's perspective. *Child & Adolescent Social Work Journal*, *36*(3), 259–268. https://doi.org/10.1007/s10560-018-0582-0

Soares, J., Henrique, B., Fonseca, L., Miranda, F., Barroso, S. & Barbosa-Ducharne, M., (2023). *Entrevista sobre Adoção para Pais* [Manuscrito não publicado]. Projeto Adopt-Follow-up-em Pós-Adoção. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Soares, J., Ralha, S., Fonseca, S. M., Prego, J., & Barbosa-Ducharne, M. A. (2023). Why and how do parents decide to adopt? A study on motivations and the decision-making process in becoming an adoptive family. *Child & Family Social Work*, *28*(3), 753–763. https://doi.org/10.1111/cfs.13001

Sullivan, K. M., Murray, K. J., & Ake, G. S. (2016). Trauma-informed care for children in the child welfare system: An initial evaluation of a trauma-informed parenting workshop. *Child Maltreatment*, *21*(2), 147-155. https://doi.org/10.1177/1077559515615961

Tanskanen, A. O., Danielsbacka, M., & Rotkirch, A. (2020). Grandparental childcare for biological, adopted, and step-offspring: Findings from cross-national surveys. *Evolutionary Psychology, 18*(1). https://doi.org/10.1177/1474704920907894

van den Dries, L., Juffer, F., van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2009). Fostering security? A meta-analysis of attachment in adopted children. *Children and Youth Services Review*, *31*(3), 410-421. https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2008.09.008

Vandesande, S., Bosmans, G., & Maes, B. (2019). Can I be your safe haven and secure base? A parental perspective on parent-child attachment in young children with a severe or profound intellectual disability. *Research in Developmental Disabilities*, *93*, 103452. https://doi.org/10.1016/j.ridd.2019.103452

Walkner, A. J., & Rueter, M. A. (2014). Adoption status and family relationships during the transition to young adulthood. *Journal of Family Psychology*, *28*(6), 877–886. https://doi.org/10.1037/fam0000020

Wright, A. W., Carlson, K., & Grotevant, H. D. (2022). Internalizing symptoms and use of mental health services among domestic adoptees. *Children and Youth Services Review*, *138*, 106499. https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2022.106499

Wydra, M. A., & O'Brien, K. M. (2018). Attachment, affective responsiveness, and cohesion in adoptive families: Child and parent perspectives. *Adoption Quarterly, 21*(1), 1–16. https://doi.org/10.1080/10926755.2017.1387208

Zournatzidis, P., Kurt, Y., Fonagy, P., Vorria, P., & Luyten, P. (2026). Adoption and development from infancy to adulthood: A systematic review of longitudinal studies and future directions. *Development and Psychopathology*, *38*(2), 1039–1055. https://doi.org/10.1017/S0954579425100977

Tabela 1

Dados Sociodemográficos das Crianças e Adolescentes Adotados

Criança (Família)	Sexo	Idade (em anos)	Idade aquando da adoção (em anos)	Tempo de adoção (em anos)
C4 (F3)	M	13.17	8.25	3.17
C13 (F10)	F	10.42	2.00	6.67
C22 (F18)	M	14.67	2.92	10.00
C41 (F34)	F	18.33	9.00	7.75
C50 (F41)	F	17.33	7.42	8.33
C54 (F44)	M	16.33	4.17	10.50
C71 (F57)	F	16.83	6.00	9.50
C80 (F65)	F	9.92	7.00	1.50
C88 (F71)	F	17.17	9.25	6.42
C134 (F103)	F	10.17	7.75	0.58
C135 (F103)	F	14.83	12.42	0.66
n = 11		M = 14.47 DP = 3.11	M = 6.93 DP = 3.02	M = 5.92 DP = 3.79

Nota: C designa o código da criança e F o código da família. M= Masculino e F=Feminino.

Tabela 2

Relatos dos Pais e Crianças/Adolescentes Adotados sobre as suas Experiências Passadas e a Vida Familiar no Pós-Adoção, incluindo Dificuldades Atravessadas e Trajetórias Relacionais

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
Experiências do passado Esta categoria inclui relatos dos pais e das crianças sobre o seu percurso antes da adoção.	Percurso das crianças/adolescentes Reporta a história de vida dos filhos até à adoção, incluindo a descrição de episódios e ambientes marcados pela privação de cuidados, abuso (físico ou sexual), vitimização e exposição à violência e a passagem pelo acolhimento residencial.	Privação de cuidados	Falta de cuidados básicos "O facto de passar fome, o fato de não ter limpeza, o fato de não ser acompanhada a escola" [M34] "[...] queriam ficar com a L., não queriam que a retirassem, mas ela ia lá passar o fim de semana e não tinham nada para ela comer, chegaram a levar comida e eles nem estavam em casa." [M65] "Ela só diz que a mãe não sabia tratar dela, não tinha condições pra ir pra escola, não lhe dava banho, não lhe dava jantar, portanto, ela diz que a mãe não sabia." [M71] Situação de vulnerabilidade e abandono "Só sei, pelo pouco que eu sei, hum, porque uma criança que não tinha qualquer tipo de apoio, nem proteção da mãe em relação ao pai." [M34] "Percebemos que era um caso	Falta de cuidados básicos "E pronto, não nos alimentavam" [C71] "[...]mas já me contaram que eu passava fome, não por eles não terem dinheiro, mas porque eles não queriam saber, por exemplo" [C135] Situação de vulnerabilidade e abandono "[...]foi abandonada pela mãe biológica" [C13] "Eles deixavam-me sozinha com um mês em casa." [C50] "Explicou que, depois de os seus pais (biológicos) se terem divorciado, a mãe não quis cuidar mais dela [C80]

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			de negligência, mas essencialmente era isso." [P44]	
		Abuso	Físico "A história de violência começou já o J. era nascido [...] ele tem algumas marcas e algumas cicatrizes, algumas marcas de cigarros...quando ele vinha notavam-se muitas cicatrizes na cara." [M3] "O pai tratava mal a mãe e tratava mal e batia na V., e a mãe batia na V." [M103] Sexual "[...]apesar da I. negar, do pai poder ter abusado ou tentado abusar sexualmente da I." [M34]	Físico "[...]houve uma vez que eu fui para o parque sozinha quando era pequenina e voltei, ou eles foram-me buscar e apanhei porrada, me deram conselho com pau, com chinelo." [C50] Exposição a violência doméstica "Os meus pais agrediam-me, a mim e aos meus irmãos" [C71] "[...]o meu pai batia na minha mãe, pronto." [C135]
		Institucionalização	**Como experiência negativa** "Há ali, porque ela disse "a casa de acolhimento é que não deixou a minha mãe regressar para estar connosco, a minha mãe saiu de manhã e não a voltaram a deixar entrar." [M34]	**Como experiência positiva** "[...] na instituição era uma coisa boa e elas ajudavam [...]" [C4] "A criança referiu que se sente bem em relação ao passado, porque tinha coisas boas na casa de acolhimento. Referiu a existência de uma "senhora", na CA, que gostava muito dos seus sorrisos (numa das visitas não a

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
				viu e diz que ela não está sempre na CA, e que por lá passam vários profissionais)" [C80] **Como experiência negativa** "[...]comparando com a vida que tinha no lar, ao ser adotado, sinto que esta vida é bem melhor do que a do lar e estou a ter momentos muito felizes na minha vida, comparados com quando eu tinha, por exemplo 2 ou 3 anos [...] [C54] "Era melhor do que estar naquele inferno [...] Porque lá eu não tinha nada para fazer, aqui já tenho melhor; e lá não tinha carinho, aqui já tenho, lá era muito chato e aqui não era." [C134]
	Percurso dos pais traça o histórico parental antes da adoção, incluindo dificuldades inerentes à parentalidade biológica e situações em que a adoção era já uma escolha planeada.	Infertilidade e dificuldades durante a gravidez	"Porque eu sempre quis ser mãe e não pude ser. De forma biológica" [M44] "[...]tinha o útero cheio de miomas, e 90 e tal por cento de probabilidade de estar sempre a abortar, pronto." [P103] "A S. engravidou duas vezes, uma vez logo no início e teve	"Porque como a minha mãe tipo não conseguia engravidar tiveram a ideia de adotar e inicialmente o meu pai disse "ah adotar não, vamos continuar a tentar", mas depois lá se deu a opção da adoção." [C22]

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			um aborto logo quase 8 semanas, para aí [...] E outra depois já de termos o M." [P18]	
		Adoção como projeto de vida/escolha planeada	"Nós desde o início sempre, quando casamos, sempre dissemos que se tivermos filhos, seja porque via for, porque já tínhamos falado no início da possibilidade de adotar, em tendo filhos biológicos gostaríamos de ter filhos adotivos [...]" [M65] "Mas a J., antes de casar já me dizia "ai, mesmo que tivéssemos filhos, eu gostava de adotar"." [P103]	
Dificuldades iniciais das crianças e adolescentes adotados Reflete as dificuldades das crianças adotadas, ao nível emocional e comportamental que marcaram a transição e primeiros tempos da vida em família.	Sentimentos de perda e luto Remete para os sentimentos das crianças adotadas face às pessoas significativas do seu passado.		**Sentimentos de perda** "Aliás, a separação dos irmãos, eu diria mais de um pequenino, foi doloroso para ela, criou ali uma irritação, criou ali um luto, que para mim era difícil de lidar, pronto, é assim." [M57] "Para ela o mais difícil foi o facto de ter que se despedir da casa e das pessoas que tinham sido cuidadoras dela, umas mais que outras, porque há	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			mais proximidade e pelo tempo que as pessoas passam nos lugares." [M65]	
	Especificidades associadas ao vínculo Transcreve experiências passadas, exemplificadas por sentimentos e condutas específicas das crianças adotadas, e que podem ser associadas a aspetos da vinculação.	Ao nível emocional	**Medo e insegurança** "Algum medo de desiludir [...]" [P18] "Ela havia uma altura que estava na primária e eu chamei a atenção de qualquer coisa e ela ficou muito aflita, "Oh mãe, já não gostas de mim?" [M41]	**Medo e insegurança** "Medos sim. De me rejeitarem e de me…E de me baterem." [C50] "Mas eu sentia que será que a minha mãe, que essa senhora vai gostar mesmo de mim? E às vezes depois retraia-me."[C71] "Indicou que a parte mais difícil tinha sido a necessidade de conhecer e passar a viver com pessoas novas e que não conhecia bem (os pais)" [C80]. "[...]eu tinha medo que se eu não lhe chamasse mãe que... sei lá, que ela já não me quisesse ou qualquer coisa assim." [C135]
		Ao nível do comportamento	**Rejeição de um dos pais** "Ela, no início rejeitou o B., às vezes não lhe dirigia a palavra, porque queria a mãe, não ficava só com ele." [M41] **Agressividade e recusa de autoridade** "[...] a reação dele era sempre, ou bater, ou partir [...] mas partir para cima de nós, ou se	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			ele achasse que não ia conseguir por algum motivo, porque, ou porque nós éramos mais fortes, ou porque nos sentia mais ameaçadores, ele ameaçava-se a ele próprio." [M3] "Aquilo estava a ser um contínuo de berros da S. por não querer aceitar nada do que eu dizia, do que eu propunha, de bater as portas, de empurrões, de afrontar-me mesmo [...]" [M57] **Procura de aceitação** "[...]a L. não era a L., era aquilo que achava que nós queríamos que fosse, mais na base do agradar e estar a ver qual a resposta certa que tinha que dar." [M65] Procura de proximidade "Depois houve uma fase, em que ela já era autónoma em termos de banhos, mas sentiu a necessidade de pedir para eu lhe dar banho [...]Ela até me dizia que já sabia fazer isso [...]já fazia isto tudo, mas que	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			preferia que o fizesse com ela [...]" [M65] **Afetuosidade e proximidade inadequadas** "[...] a S. aos seis anos não percebia bem o que era ter uma mãe então podia ser eu como aquela senhora que a mãe até falou, não é?" [M57] "No início até ensinamos a gerir a questão dos abraços porque abraçava toda a gente [...]No início sim, porque percebemos que não havia nenhum filtro" [M65] "E: Muito bem. Alguma vez já sentiu preocupada por a E. se comportar de forma demasiado amistosa com desconhecidos agindo como se já os conhecesse?/ M: Ah, sim, sim" [M71] **Agressividade perante estranhos** "Todos os homens da minha vida, com quem eu a contactava eram um motivo de stress para o J [...] era motivo para ele ficar	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			extremamente agressivo." [M3]	
		Manifestações fisiológicas	**Dificuldades no sono** "Adormecia a chorar" [M18] "A M. teve dificuldades quando veio, vinha. Tinha, fazia xixi noturno." [M34]	
Estratégias parentais para colmatar dificuldades Refere os comportamentos ou atitudes, tomadas pelos pais que, conscientes das especificidades inerentes à adoção, visam o bem-estar das crianças e a promoção a estabilidade familiar.	Sensibilidade parental Refere-se à consciência dos pais sobre as experiências adversas às quais os filhos foram sujeitos e as suas implicações para o bem-estar e a estabilidade familiar atual, distinguindo-se entre atribuições ambíguas, relativas às experiências com a família biológica, à institucionalização e aos processos internos associados.		**Interpretação ambígua** "Ela tem uma capacidade de interação, hum, grande. Só que, por vezes, fica camuflada e isto tudo, penso eu, pelo histórico… pela história dela" [M34] "Há crianças que são adotadas com poucas semanas de vida. [...] muitas vezes trazem uma bagagem pesada do que estava anterior. E é preciso ter cuidado com isso." [P44], "Estas vivências da S. realmente marcaram-na muito. Tanto esta coisa que *"eu faço sozinha, eu sei, eu desempenho assim, eu consigo avaliar tudo sozinha"*, etc [...]" [M57] "Ela disse que não era bom e que tem mesmo a ver com o ela querer controlar, porque	**Efeito positivo na criança** "Perceciona que os pais querem saber como ela se sente relativamente a estas questões." [C80]

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			vem de um contexto em que quer saber o que vai acontecer a seguir [...] esta necessidade associada à ansiedade das coisas que ainda vêm há muitas coisas que ela quer saber [...] Esta ideia de ficar sozinha ainda lhe dá pânico, talvez tenha a ver com o historial" [M65] **Atribuições às vivências junto da família biológica** "Ela tem muito medo. Isto tem tudo de certeza a ver com a infância dela. Ela tem medo de ser abandonada." [N41] **Atribuições à institucionalização** "Ele fazia isso principalmente à noite, que era quando tinha disponibilidade, mas eu acho que o facto de ele ter estado em quartos partilhados com muita gente, com muitas regras ativou-lhe alguns gatilhos, porque ele não vinha bem, ele não vinha bem" [M3] "Que o facto de ter estado institucionalizado se reflete durante, às vezes os primeiros	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			anos de vida, ah que ao nível da maturidade e da socialização, que isso pode ter influência e de cada ano de institucionalização precisávamos de outro para recuperar." [M18] "Outra, há um passado que não desaparece. E que com toda a dor do presente, o presente tem a ver com escolhas, que o próprio já faz de forma consciente. O passado continua a existir e faz parte da história em que ela nasce [...]" [M44] **Atribuições à perda e ao luto** "[...] se cobria, chorava, irritava, se virava com as coisas, e que tinha a ver com o luto que ela estava a fazer por ser separada dos irmãos." [M57] "[...]ela vinha com muito, epá muitas memórias da família dela, muitas histórias da família dela, pronto. E eu, eu e a mãe, normalmente, o que é que…deixávamo-la, não	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			fazíamos juízos de valor sobre aquilo que ela dizia.” [P103]	
	Responsividade parental Refere-se à disposição parental para responder às necessidades expressas pelas crianças adotadas, incluindo exemplos específicos no âmbito do afeto.		**Predisposição geral para lidar com os problemas** “Temos que atender às necessidades e entender as necessidades. Portanto, não é nenhum drama. Mas é o mundo real.” [P44] “[...]É o nosso filho, é isso. E, portanto, estamos aqui para o que for necessário e lidamos com as preocupações e as dúvidas do dia-a-dia de uma melhor forma que sabemos.” [M44] “[...]se vamos receber a L. vamos receber com tudo, não vamos descartar uma parte infeliz que ela teve que lidar [...]” [M65] **Resposta a necessidades ou dificuldades específicas** “Eu tenho saudades dos meus irmãos”[...] tentei explorar a situação da saudade dos irmãos numa outra altura [...] Tinha sempre que reforçar: eu amo-te muito, ele precisa	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			sempre, precisa muito de ouvir" [M3] "[...]às vezes, ela trate como se não fosse nada e eu tenho que captar e agarrar e puxar e ver até aonde isto vai, é mais ou menos isso." [M10] "Dormir, ela a partir dos 15 anos quis vir dormir comigo. Dos 10, digamos assim, até os 15, só de vez em quando *"Mãe posso ir dormir contigo?" "Podes."* [M34] "E uma criança, estar sempre neste...neste medo de não ser amada, eu sentia que tinha de compensar isto." [M41] "[...]Esta ideia de ficar sozinha ainda lhe dá pânico, talvez tenha a ver com o historial e queremos trabalhar." [M65]	
	Comunicação Aborda a comunicação sobre o passado, sobre a adoção ou sobre as dificuldades inerentes à adoção em função da sua continuidade ao longo do tempo pós-adoção, o contexto	Dinâmica da frequência comunicativa	**Comunicação constante ao longo do tempo no pós-adoção** "Sim e, portanto, nesta questão do início da adoção nós sempre passamos a informação, sempre fomos	**Comunicação constante ao longo do tempo no pós-adoção** "Porque nós sempre fomos uma família que nunca tivemos segredos."[C50]

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
	em que esta surge e os seus efeitos no bem-estar das crianças/adolescentes e na estabilidade familiar.		falando[...]Sempre de maneira tranquila." [P18] "E: Aqui em casa costumam falar sobre a adoção e o passado da L.?/M: Sim, às vezes ela traz o assunto, outras somos nós." [M65] "E: E esta vossa comunicação sempre foi assim, ou acha que foi evoluindo ao longo do tempo?/ M: Eu acho que sempre foi aberta, sim, sim, eu acho que sim." [M71] **Evolução na frequência da comunicação- Aumento ao longo do tempo** "E: Acha que a comunicação aqui na família foi evoluindo foi melhorando ao longo do tempo?/ M: Foi evoluindo, sim." [M10] "Também não quis escarafunchar, sem deixar de mostrar algum interesse [...]Mas sim, agora, já temos. Já temos conversado. [M57]	Evolução na frequência da comunicação- Diminuição ao longo do tempo "Sim, mais quando eu era mais pequeno, mas sempre que eu tivesse curiosidade falava com os meus pais." [C22] "Não, já falámos quando eu era mais nova, mas hoje em dia não, e também não tenho necessidade de falar." [C71] **Comunicação inexistente ou evitada** "Ninguém pega nisso" [C41] "Não. Eu acho que nós não falamos tanto. Nós falamos mais do presente, mesmo. Presente; não no passado, e não no futuro [...] Não, nós só falamos, mesmo, do presente, presente." [C134] "E – Preferes não abordar o assunto?/ C – Sim." [C135]
		Valor emocional atribuído à comunicação	**Comunicação como fator de mal-estar**	**Comunicação como fator de mal-estar** "O sim é de forma pegar assuntos ... do passado que eles

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			"Não é um tabu, mas também não é uma coisa tão confortável assim." [M57]	sabem e me atirar é só aí que eles falam do meu passado" [C41] **Comunicação como promotora de bem-estar** "A criança explicou que colocar essas questões e obter respostas dos pais a ajudou a sentir-se melhor/mais tranquila em relação à mudança. Porque como conversa com os seus "papás", sente-se confortável" [C80] "E: E achas que ao conversares com a tua mãe, isso ajuda a acalmar um bocadinho estas dificuldades?/C: Sim." [C88]
	Promoção do sentimento de pertença Reporta os comportamentos, gestos ou expressões que os pais têm para com os filhos com o intuito de fomentar um sentido de pertença e fortalecer a unidade e identidade familiar.	Expressões de afeto e fortalecimento da identidade familiar	"Sempre essa ideia, nós somos para sempre." [M3] "A L. houve uma outra situação quando ela era mais pequenina porque eu disse lhe sempre que ela nasceu no meu coração." [M10] "[...]evolução é exatamente o ambiente familiar... o facto de, pronto, de lhe dar um lar, de lhe dar amor, de lhe dar carinho" [M34]	"Porque a minha mãe faz questão de eu sempre perceber que eu sou filha da minha mãe, por mais que não tenha nascido dela." [C71]

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			"E nós tivemos sempre a reforçar isto, "S., é assim, nós somos teus pais. É para a vida." [M41] "[...]sempre tivemos cuidado em reforçar que a amávamos e que era nossa filha agora e sempre e que isso nunca mais vai mudar, até mais do que uma vez por dia." [M65]	
		Rituais familiares	"Aquilo que nos fomos habituando a ter os tais programas juntos, são os nossos momentos, continuam a existir." [P44] "Intitulamos o dia da nossa família, fazemos a festa da família para sempre porque faz sentido e não quero que em nenhum momento tenha dúvidas." [M65]	
Dificuldades atuais das crianças e adolescentes adotados Designa a realidade familiar atual, ao nível dos sentimentos e dos comportamentos das	Sentimentos de perda e de instabilidade Estabelece uma conjuntura atual ainda marcada pelos sentimentos de perda e uma sensação contínua de constrangimento e dificuldade, traçando uma trajetória negativa desde a adoção.		**Sentimento de perda** "Ela não tem essa memória, pelo menos às vezes diz que não se lembra, mas fica sempre tudo no ar. Mas tem sempre uma sensação de perda. Está sempre essa questão." [M10]	**Sensação contínua de dificuldade** "Aponta que sente muitas dificuldades decorrente da adoção." [C13] "Mais ou menos, porque desde os meus, não, desde os meus 13 anos até agora foi uma vida muito difícil, muito, muito

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
crianças e a estabilidade relacional da família.			"[...]eu temo que ela não tenha ainda ultrapassado o facto de ter sido abandonada pela mãe" [M34]	difícil, não parei, nunca parei a ficar em casa, numa vida só, não parei." [C50] Sentimento de solidão "E também o fato de me sentir muitas vezes ... sozinha torna isso difícil ..." [C41]
	Especificidades associadas ao vínculo Reflete o espetro de expressões emocionais e comportamentais da criança, demonstradas pelas crianças adotadas no momento presente relativas ao núcleo familiar e à conduta tomada perante estranhos	Ao nível emocional	**Medos e insegurança** "[...]mas depois muito carente, muito insegura, procura muita validação." [M41] "A pessoa que eu tenho aquela segurança, ainda não é total, tem sempre ali aquela insegurança basal, ok" [M3] "Tem muito medo de perder isso e, principalmente comigo, exprime isso muito; dessa falta." [M103] **Baixa autoestima** "[...]mas tem uma autoestima que ele nem reconhece como baixa autoestima, porque quando acha que não vai conseguir as coisas, desiste." [M3] "Assim, a autoestima dela não é muito grande." [M10]	**Medos e insegurança** "[...]eu tenho medo de uma coisa, que a minha mãe me troque por outras pessoas, porque às vezes eu sonho com isso." [C134] **Ambivalência sentimental** "Porque eu tinha uma família antes e eu gostava muito deles [...]Eu ainda nem sei... eles são a minha família, como é óbvio, mas ter duas famílias, que eu sei que a outra não é bem a minha família, isto é tudo muito complicado [...]." [C135] **Ambivalência na recetividade a afeto** "E: Boa, boa. E quando a tua mãe, por exemplo, te dá abraços, beijos, carinho, essas demonstrações de afeto, tu gostas? / C: Não [...] Eu aceito, eu só aceito os abraços da

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			"[...]a dificuldade é autoconfiança." [P18] "Ela tem uma falta de autoestima enorme e, portanto, ela acha que não é boa aluna, que… pronto… que é feia [...]" [M34] "[...]depois em termos de dificuldades, ela não gosta que a gabem, não gosta que digam que ela está muito... não gosta de ser o centro das atenções." [M103]	minha mãe porque é a minha mãe." [C71]. Desconforto na expressão de afeto "E: Ok, ok. E o contrário? Tu gostas de dar abraços, beijos, carinho? / C: Não, não, eu não." [C71]
		Ao nível comportamental	**Agressividade** "E depois, ela é muito reativa. Ela não é de bater, ou de porque sim, mas é muito de reagir." [M71] "[...]é uma menina cheia, cheia de vida; muito querida, mas ao mesmo tempo um bocado brusca nas respostas que dá." [M103] **Recusa de conforto** "E: Nas situações em que M. […] por exemplo está doente ou quando tem alguma preocupação ou se magoa, há alguma pessoa em particular a	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			quem ela recorra? / M: Aí também é outra dificuldade. A M. [...] Não recorre." [M34] "E: Ok e quando a S. está doente ou se magoa ela procura alguém em particular para que a console ou tenta não procurar ninguém? / M: Não, ela é muito fria nesse aspecto [...] " [M57] **Expressão de afeto escassa** "Neste momento, ela faz, mas se puder evitar continua a evitar [...]não é tão espontâneo [...] a M.I. não demonstra, eu posso estar doente, a avó pode estar muito doente ou o avô pode estar doente, nunca pergunta se estamos bem, se estamos mal, se estamos doentes." [M34] **Autonomia excessiva** "Tanto esta coisa que eu faço sozinha, eu sei, eu desempenho assim, eu consigo avaliar tudo sozinha, etc." [M57] "[...]V. faz tudo sozinha [...]" [P103]	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			Apreensão perante estranhos "Não, ele não é muito amistoso com pessoas desconhecidas [...]" [M3] "[...]ela não é uma pessoa de dar beijos aos outros, de cumprimentar [...]" [M103] **Proximidade exagerada perante estranhos** "E: Okay. E a pouco falava-me que a M. é muito aberta no inico, nas relações com as pessoas. Alguma vez sentiu preocupada por ela demonstrar demasiado amistosa com desconhecidos, por exemplo numa loja .../ M: Sim, isso preocupa-me." [M34] **Mentira** "[...]temos a questão da mentira [...] Mas a fuga, o tentar pela mentira fugir a alguma, resolver alguma situação, tem sido um desafio." [P18] "Uma das coisas que temos trabalhado muito com ela e acho que estas são as duas	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			coisas mais sérias é a mentira[...]" [M65] "[...]porque a E. às vezes também mente muito." [M71] **Rebeldia e desobediência** "A parte da rebeldia tem a ver com querer-se afirmar." [M3] "E mais, este aspeto de desobediência, de imposição, quando a mãe propõe limites, propõe regras, propõe imposições, ela não aceita facilmente. Há aqui realmente uma necessidade de desafio, eu consigo impor aquilo que eu quero." [M57] **Necessidade de controlo** "[...]Quer mandar. Sempre quis mandar. Quer ter o controle todo sobre a vida dele." [M3] "Se ela puder falar por mim, eu não posso facilitar, ela quer controlar [...]" [M10] "É uma miúda impositiva, ou seja, é um bocadinho, eu quero, posso e mando." [M57] "Ela disse que não era bom e que tem mesmo a ver com o ela querer controlar, porque	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			vem de um contexto em que quer saber o que vai acontecer a seguir[...]" [M65]	
		Manifestações comportamentais e fisiológicas de desregulação	**Ingestão emocional** "Em termos alimentares tem ainda hoje ...hum, foi uma das coisas que nos disseram cuidado porque ela tem vontade de comer e nota-se quando esta mais nervosa mais ela come." [M34]	**Dificuldade a adormecer** "E – Por exemplo, em adormecer, tens algum problema?/C – Tenho [...]demoro muito a adormecer." [C135] Insónias "Adormecer até adormeço ... o problema é durante a noite. Acordo muitas vezes e sinto que estou em aquele estado de alerta, sei lá." [C41]
Evolução da relação pais-filhos descreve a dinâmica pais-filhos na atualidade, indicando trajetórias desde aproximação ao afastamento, considerando especificidades relativas à estrutura familiar.	Aproximação entre pais e filhos Descreve uma evolução positiva, em termos globais, da relação pais-filhos. É retratada uma discrepância entre o passado e o presente, relativamente à relação entre os membros da família, notando-se uma aproximação e fortalecimento do papel dos pais enquanto confidentes e protetores das crianças.		"[...]agora sinto que ela já está mais integrada [...]Quer dizer, eu estava para dar tudo, mas ela só me foi dando à medida que me foi conhecendo" [P103]	"Eu como não sou muito apegada ao meu pai mas está bom. Está bom. Está, está a melhorar." [C50] "[...]só depois consegui ter, captar a confiança dos meus pais e agora sinto-me mais seguro com os meus pais, ao pé de mim." [C54] "Neste momento estamos numa relação muito boa, mas antes houve uma altura [...]nós tínhamos várias discussões, mas agora eu compreendo porque a da minha mãe queria

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
				ser mais protetora e tudo mais. Estamos numa fase muito boa." [C71]
		Re-significação dos papéis parentais	"[...]há uma maior consciência do meu papel, do meu papel como mãe, como referência, limitadora também, para o bem dela [...]" [M57] "Começamos a sentir mais confiança uma na outra né, e acho que os papéis foram ficando mais ou menos definidos[...]" [M71] **Pais como figuras de proteção e regulação** "E: E quando a L. está doente ou se magoa-se, ou está triste com alguma coisa, preocupada, quem é que ela procura para consolar?/M: A mim e à minha mãe." [M10] "A relação é boa. Há confiança. Ela confia muito em mim, recorre muito a mim."[M41] "E: [...]Ou seja, quando ele tem alguma situação que o preocupa, a quem é que ele recorre? Ou sequer se recorre	**Pais como figuras de proteção e regulação** "E: Quem procuras para te ajudar quando estás doente, te magoas, estás triste, chateada ou desiludida com alguma coisa? / A criança indicou procurar a mãe, nestas situações." [C13] "E: Ok. E quem é que procuras quando estás doente, magoaste, quando estás chateado ou desiludido com alguma coisa?/ C: Se calhar os meus pais [...]Quando estou triste é mais o meu pai, porque ele compreende o meu lado emocional e a minha mãe mais quando estou doente ou não sei quê." [C22] "E: Quem é que é, assim, a pessoa que recorres?- C: É a minha mãe" [C50] "A criança indicou procurar "os papás", nestas situações, sem que tenha feito quaisquer

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			a alguém? / P: A mãe ou o pai, sempre" [P44] "Ela quando se magoa é comigo, recorre logo a mim [...]" [M71] "Não, ela manifesta logo junto de nós, tanto vale do pai ou da mãe a dizer que está doente ou que precisa de ajuda." [P103] "E: Evoluiu?/M: Sim, ao longo do tempo[...]Confiança [...]Necessidade de... de mim; o passar a olhar para mim como a figura que está aqui para a proteger, sempre." [M103]	distinções entre o pai e a mãe." [C80] "[...]eu quando estou com ansiedade eu procuro alguém, tenho... eu não.../E: E quem é que costumas procurar? Ou é, assim, quem estiver mais à tua beira? Quando tens assim esses momentos?/ C: A mãe." [C135] **Pais como confidentes** "[...]Porque eu até falo com a minha mãe, eu até falo com a minha mãe sobre coisas mesmo íntimas." [C50] "Sim, confio plenamente na minha mãe e conto-lhe tudo sobre a minha vida" [C88] "Eu... eu acho, por exemplo, quando estou na escola, eu chego a casa ou quando ele me vai buscar, no carro, eu conto-lhe tudo [...]" [C135]
	Dinâmicas de proximidade e tensão Mostra dinâmicas em que existem, simultaneamente, momentos de proximidade e de afastamento ou conflito.		"Ao mesmo tempo, criou-se uma ligação mais forte, não há dúvida de que isso fortaleceu nossa relação, mas depois, também chegou um momento em que estávamos a desgastar [...]mas depois a ligação tornou-se diferente, é de falar,	"[...]Sim, então quando eu estou triste, quando eu estou triste ou se passa algo, às vezes eu falo com os meus pais, mas às vezes eu também escondo isso dos meus pais." [C54] "[...]vir para aqui e saber que há pessoas que me querem mesmo,

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			diz as coisas, embora, às vezes, ela trate como se não fosse nada [...]" [M10] "[...]há uma maior consciência do meu papel, do meu papel como mãe, como referência, limitadora também, para o bem dela [...]Embora ela diga, e ainda não sei o que vai dizer à sua colega, mas tem dito mesmo durante a adolescência que não confia em mim, não confia em ninguém [...]" [M57]	só que não são os meus pais, mas... mas querem o melhor para mim, eu acho, e eu gosto deles por isso." [C135] "Assim, as vezes temos altos e baixos, as vezes chateamos um bocado uma com a outra, pronto, as vezes faço algumas birras, porque não gosto da maneira como ela, por exemplo, fala, mas também eu as vezes falo torto porque fico chateada. Mas, temos uma boa relação no geral." [C88]
	Afastamento Descreve um afastamento ou desgaste na relação e as reflexões subsequentes sobre o significado da adoção e o futuro enquanto família.		"Ela não me deixa margem para isso. Mas, não sei se ainda é cedo, que posso esperar [...] é muito difícil relacionar-me com ela. Eu acho que não consegui .... eu acho que não consegui ter uma ligação com a M. Quer dizer, eu tenho. Não sinto que ela tenha comigo. Eu acho que não consegui essa parte. Aliás, eu não me imagino com ela daqui a uns anos porque acho que ela que não, não vai fazer	"Há ... continuo afastamento [...] Porque há .... a minha mãe as vezes não me entende e começa a atirar coisas a cara e muitas das vezes magoa-me e como magoa e noto que não há um arrependimento a ação que fez, então, eu .... protege-me a mim mesma e vou-me afastando. Agora, neste momento, eu perguntaria qual o motivo que levou a adotar e se realmente me queria, porque é que me ... trata deste jeito." [C41].

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			parte. Vai-se afastar de vez, não é?" [M34]	"Na perspetiva da criança, a sua relação com a mãe não mudou muito, entre o momento da adoção e o presente. Disse que "ficou igual", sendo que piorou em algumas coisas [...] Explicou que lhe bate (estalos e palmadas no rabo), quando se chateia com ela por causa do seu comportamento." [C13]
	Preferência por um dos pais Remete para uma dinâmica específica às famílias adotivas biparentais, retratando situações em que há distinção ou favorabilidade por um dos pais.	Preferência pelo pai	"[...] a V. adapta-se melhor comigo do que se adapta com a minha mulher." [P103]	"A do pai mudou para melhor, a mãe mudou para pior [...] pronto já à mãe eu não consigo, é mais difícil." [C135]
		Preferência pela mãe	"Ela tinha uma obsessão muito grande por ter mãe. E a figura paterna não estava tão fragilizada. Isso disseram-nos logo quando a adotamos. E então, fosse o B., fosse outra pessoa, ela queria a mãe. Mas queria a mãe só para ela." [M41]	"[...]eu era mais pequeno eu não gostava muito de demonstração de afeto por parte do meu pai, gostava mais por parte da minha mãe, mas ao longo dos anos eu fui percebendo que isso podia deixar o meu pai mais triste e fui tentando melhorar e ajudar nisso [...]" [C22] "[...] eu não sinto tanto amor com ele como com a minha mãe. Eu não sei porquê. Eu não gosto… eu nunca disse isso à frente dele porque eu sei que ele, vai-lhe magoar, mas eu nunca… por exemplo, não é de

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
				eu gostar de um, mais de um do que do outro, mas não sinto tanto amor[...]" [C134]
		Sem discriminação entre pais	"Por acaso é engraçado porque da parte da L. nunca sentimos, desde o início, favorecer um, ela até tinha certo cuidado, quando estava com um estava depois com o outro, é algo que ela tinha necessidade de um e do outro, e às vezes precisa de estar com os dois, curioso." [M65]	"A criança indicou procurar "os papás", nestas situações, sem que tenha feito quaisquer distinções entre o pai e a mãe." [C80]
Fatores de proteção e de risco à estabilidade familiar Representa os elementos que fragilizam ou reforçam as relações e a estabilidade familiar.	Fatores de proteção Enumera aspetos relacionados com a criança, com o contexto de adoção e com aspetos relativos ao ambiente à volta da família que promovem e favorecem o estabelecimento de relações positivas	Relativos à criança	**Predisposição para pertencer à família** "Ela queria muito ter uma família, por isso integrou-se muito bem." [M41] "Uma das coisas é muito notória, quando adotamos a L. ela queria muito ter uma família, isso tudo ajudou [...] Sempre houve um "que bom que tenho a minha família." [M65]	**Predisposição para pertencer à família** "Foi fácil [...] Facilidade foi haver uma vontade de querer estar na família." [C41]

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
		Relativos ao contexto da adoção e ao ambiente circundante da família	**Tempo de adoção** "É o relacionamento, o tempo, a proximidade." [M10] "E: E sente que a sua relação e ligação com ela evoluiu ao longo do tempo?/ M: Sim, sim, claramente." [M41] "Acho que tem a ver com o tempo, em geral os relacionamentos precisam de tempo [...]" [M65] "E – Evoluiu?/M – Sim, ao longo do tempo[...]" [M103] **Monoparentalidade** "Não, trouxe mais facilidade [...] eu no fundo acabei para fazer as coisas muito à minha maneira, porque os meus pais não são o meu marido, não são o meu companheiro e quando eu quero me diferenciar daquilo que eles acham, vão lá para a vossa casinha, que eu fico na minha." [M3] **Adoção de fratrias** "E: Ok. Considera que ter adotado uma fratria implica mais dificuldades? Do que se fosse só uma?/ P: Dificuldades não. Até, se	**Tempo de adoção** "Sim, foi mudando ao longo do tempo, desde que ela me adotou até agora, comecei a ganhar mais confiança nela[...]Porque a conheci melhor e porque já vivo com ela a alguns anos, e acho que agora considero mesmo que ela é uma pessoa muito importante para mim." [C88] **Adoção de fratrias** "[...]eu tenho a certeza absoluta que se não fosse uma fratria, que se fosse só a V., o meu relacionamento com ela era melhor." [M103] **Família alargada** "E: Em termos do que foi fácil ou difícil nesta integração [...] houve mais alguma coisa que facilitou esta tua pertença à família, este sentimento?/C: Se calhar, as pessoas terem aceitado e percebido bem. Como se eu já pertencesse à família." [C88] **Apoio profissional** "[...]a psicóloga da medicação e outra mesmo, para me ajudar

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			calhar, para mim, é mais fácil [...]ficam mais tranquilos, sabem que o outro ser é do sangue deles, fez o caminho deles e, portanto, estão ali numa casa em que não é tudo estranho, pelo menos há alguém que eles… ficam mais tranquilos" [P103] **Apoio profissional** "[...] ele tem acompanhamento com o psiquiatra. Ele tem acompanhamento semanal com uma psicóloga. Portanto, é importante o apoio profissional num contexto de adoção no início, para avaliação da integração, para avaliação de medidas futuras." [P44] "[...]a nossa equipa era incrível, nós terminamos o tempo com elas sempre a sentir que íamos conseguir lidar bem com esta nova fase de vida." [M65] Rede de apoio "[...]uma rede de apoio faz mesmo a diferença e acho que	[...] E: Ok. Ok, sentes que isso tem-te ajudado aqui a lidar com estas dificuldades? / C: Sim." [C50] "Com a ajuda da minha psicóloga e com o facto de eu tentar entrar mais na mente da minha mãe, ver o lado da minha mãe." [C71]

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			se a pessoa pode trabalhar isso e ensinar essa rede de apoio o que vai aprendendo, para ter pessoas no mesmo pé para ajudar, faz mesmo a diferença.” [M65]	
	Fatores de risco Contempla excertos que abordam os aspetos relativos à história de vida e às etapas do desenvolvimento das crianças/adolescentes, características da família, da adoção e do seu ambiente circundante que fragilizam as relações familiares e trazem mal-estar ou instabilidade à relação pais-filhos.	Relativos à criança	**Experiência de acolhimento residencial** “Que o facto de ter estado institucionalizado se reflete durante, às vezes os primeiros anos de vida, ah que ao nível da maturidade e da socialização, que isso pode ter influência e de cada ano de institucionalização precisávamos de outro para recuperar.” [M18] **Idade da criança aquando da adoção** “Tem os seus desafios, às vezes penso que tenho estes desafios por ser mãe de uma menina mais velha.” [M65] **Diagnóstico psicológico** “[...]estas dificuldades têm a ver com o crescimento dela e com o TDAH e com a autorregulação dela.” [M10]	**Transição para a adolescência** “[...] ao início correu, não nos conhecíamos, correu bem, mas depois com o tempo, tal como eu disse também pode ser da adolescência e não nos demos muito bem [...]” [C135]

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			"[...]porque o A., com a sua impulsividade associada à sua condição, tem reações para comigo que eu várias vezes tenho que lhe dizer olha que eu não sou teu colega." [M44] **Transição para a adolescência** "Quatro, faz parte, o que falta ali do quatro para o cinco eu acho que faz parte, desta fase, se é neste momento, é porque adolescência é adolescência." [M3] "Ela agora está fechada, mas faz parte da adolescência. Acho que está mais fechada, acho que está mais magoada com a vida. Ela vinha como uma criança com esperanças, e neste momento acho que está... está magoada." [M41] "Acho que o que hoje vemos no A. é próprio em parte da sua condição, em parte da fase da adolescência. Porque o A. entrou na fase da adolescência, porque o A., com a sua impulsividade associada à sua condição, tem	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			reações para comigo que eu várias vezes tenho que lhe dizer olha que eu não sou teu colega." [M44] "A adolescência é um desafio [...] estamos aqui numa fase em que o afeto não pode ser demonstrado muito tempo [...]Embora ela diga, e ainda não sei o que vai dizer à sua colega, mas tem dito mesmo durante a adolescência que não confia em mim, não confia em ninguém [...]" [M57] "[...]inicialmente, por idade, adolescência também é um bocado mais difícil [...]" [M103]	
		Relativos aos pais adotivos	**Idade dos pais aquando da adoção** "Acho que em termos emocionais para mim, pelo menos, talvez se fosse mais nova seria mais fácil este processo emocional [...]" [M65] **Expectativas parentais** "[...]ele também tinha a expectativa de ser pai e não	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			estava a conseguir e depois o feitio dele também não facilitou esta relação.” [M41]	
		Relativos ao contexto da adoção e ao ambiente circundante da família	**Monoparentalidade** “As dificuldades são assim é uma mais-valia, porque, neste momento, eu acho que é melhor, porque não há duas pessoas a dizerem coisas diferentes, mas também é pesado, porque, às vezes, também não temos com quem falar ou dividir o peso [...]” [M10] “Mas eu acho que sim, monoparental é mais difícil. É mais difícil.” [M57] “E: Considera que o facto de ser uma família monoparental implica dificuldades acrescidas?/ M: Implica, porque tá tudo concentrado em mim [...].” [M71] **Adoção de fratrias** “[...]eu tenho a certeza absoluta que se não fosse uma fratria, que se fosse só a V., o meu relacionamento com ela era melhor.” [M103]	

Categoria	Subcategoria	Sub-subcategoria	Testemunhos dos Pais	Testemunhos das Crianças/Adolescentes
			Rede de apoio "Porque eu procuro ajudas externas. E ela acha que eu devia saber lidar com isto tudo sozinha. Não precisava de ser exposta. Ela acha que isso é uma rejeição. Acho eu que ela sente isso como uma forma de não a aceitar." [M57]	

FACULDADE DE **PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**